



NAVEGAR
É PRECISO
VIVER
NÃO É PRECISO
UMA ANTOLOGIA SEM RUMO

ORGANIZAÇÃO
JOSÉ FELICIO RIBEIRO DE CEZARE
MÁRCIO MARTELLI

BRASIL
520
ANOS



NAVEGAR
É PRECISO
VIVER
NÃO É PRECISO
UMA ANTOLOGIA SEM RUMO

ORGANIZAÇÃO
JOSÉ FELICIO RIBEIRO DE CEZARE
MÁRCIO MARTELLI



Copyright © by Editora In House, 2020

Elaboração da ficha catalográfica **Editoração e acabamento**

Gildenir Carolino Santos
(Bibliotecário)

Editora In House

Editor responsável

Márcio Martelli

Projeto gráfico Márcio

Martelli

Revisão gramatical

José Felício Ribeiro De Cezare

Ilustrações e Fotos

Design by Freepik.com
Arquivos pessoais

designed by  freepik.com

Catálogo na Publicação (CIP) elaborada
por Gildenir Carolino Santos – CRB-8ª/5447

N229 **Navegar é preciso, viver não é preciso - Uma antologia sem rumo / José Felício Ribeiro De Cezare; Márcio Martelli (organização).** – Jundiaí, SP: Ed. In House, 2020.
Recurso digital : il.

Publicação digital (e-book) no formato PDF.
ISBN: 978-65-86978-10-0

1. Poesia brasileira. 2. Crônicas brasileiras. 3. Literatura brasileira. I. De Cezare, José Felício Ribeiro (org.). II. Martelli, Márcio (org.). III. Título.

20-003EBK

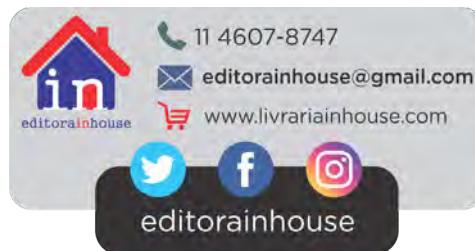
20ª CDD – B869.15

Impresso no Brasil
1ª edição – maio – 2020
ISBN: 978-65-86978-10-0

Todos os direitos desta publicação estão reservados à Editora In House, que detém os direitos autorais da obra para a Língua Portuguesa.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização por escrito do editor ou do autor.

Jundiaí, SP, maio de 2020.



www.editorainhouse.com.br

Curta nossa página no Facebook:

Editora In House

Fones: (11) 4607-8747 / 99903-7599

Visite nossa loja virtual:

www.livrariainhouse.com

Apresentação

- Terra à vista! – diz o marujo.
- Mas que terras são essas? – perguntam.
- São terras de esperança, de um povo persistente, que não foge à luta e que se vira diante de quaisquer problemas ou tiranias – respondo.

É o nosso Brasil, com **520 anos** de vida. É a nossa terra brasileira tão amada e castigada.

Navegar é preciso, viver não é preciso é um chamado ao coração de todos os povos e traz um acalento ao tempo atual, aonde não sabemos qual o rumo que devemos seguir. A vida não é precisa como a rota traçada em uma navegação. Mas viver traz muita alegria, saudade, aventura, felicidade, romance e poesia.

O livro ilustrado é por imagens belíssimas e irá percorrer as redes sociais do planeta Terra. Brasileiros e portugueses, homens e mulheres, gente de todas as cores em união na busca de um farol a indicar o caminho a seguir. Um caminhar de paz e conforto eterno, onde a fraternidade irá florescer com imensa sabedoria na mente humana guiando todos nós a um mundo repleto de momentos felizes. Boa leitura!

Os organizadores

*Talvez Pessoa não soubesse
da beleza que há nas rosas além-mar
Onde nenhuma nau iria alcançar
a terra da poesia um dia a se revelar...*

[MM]



Sumário

Prefácio.....	05	João Carlos José Martinelli.....	69
Alessandra C. R. de Oliveira Pezzato	48	Jorge Trigo.....	96
Ana Cláudia Rêgo.....	42	J. Felicio R. De Cezare	09 / 30 / 71 / 104
André Argollo	99 a 103	José Garcia Netto.....	25 / 35 / 89
Aristeu de Campos Filho.....	11 / 53	Josyanne Rita de A. Franco	46 / 52 / 60
Aristides Almeida Rocha.....	84	Liege Esteves.....	75
Bel Lopes.....	95	Luca Bassani.....	43
Cacilda Franco Ribeiro.....	67	Manoel de Jesus Carvalho	29
Camila Fernandes de Freitas Rosalem.....	66	Márcia Oliveira	91
Carlos Thompson	19 / 23	Márcio Martelli	8 / 22 / 38 / 104
Carmen Sílvia Pereira	15	Maria Teresa Sponchiado.....	24
Caroline Maciel	92 / 93	Marilzes Petroni	59
Edu Cerioni	78	Michel Fabiano Lourenço de Almeida	62
Evandro Fernandes da Silva.....	16 / 44	Roberto de Carvalho Vivas	64
Evelyn de Assis.....	63	Ronaldo Alberto Martelli.....	17 / 27 / 37
Fábio Spina.....	57	Rosalie Gallo y Sanches	07
Flavia Cunha.....	20	Sandra Regina Librelon	88
George André Savy.....	82	Susana Bueno de Souza	28
Herminia Aparecida Balbuena	77 / 81	Susana Ferretti.....	45
Ivane Padilha de Soeiro Rocha	84	Tatiana D´Angieri	80
Ivonete Piccinato de Freitas	18 / 36 / 47	©Thaty Marcondes	56
Jefferson Dieckmann.....	51 / 61	Wilson Maciel	94

PREFÁCIO

*“Navigare necesse,
vivere non est necesse.”*

Esse apotegma tem sido um farol, um mantra aos seguidores de uma vida plena na busca de si mesmo ou do mundo.

Pessoa, quando retoma as palavras de Pompeo, talvez quisesse trazer à tona a necessidade de uma vida sem exatidão. Nada de planos, ou exigências matemáticas. Não há o que se buscar com astrolábios, balestilhas, bússolas, barquinhas, quadrantes, GPS – esse último, a não ser se buscamos um novo lugar para criarmos novas memórias felizes, pois assim é a vida, um coletivo de planos e de incertezas que trazem a perfeição, a beleza da imperfeição do viver.

A vida não se faz sob a rigidez do ferro e do fio da espada, se faz pelas belas palavras, pelas tristezas, pela impermanência do ser e viver. Ouro, prata, bronze e as gemas preciosas nos trazem prazeres, o consu-

mir alegre a vida, distrai, mas não sustenta a felicidade, não racionaliza, não cria, apenas esvai.

Viver não é preciso, é impreciso, é ser errante, é caminhar vivenciando o caminho... um passo de cada vez!

Navegar é preciso, exato, firme... mas também pede coração, leva o peso da saudade, é olhar à frente na busca de um farol, algo que traga segurança e conforto.

A imprecisão é o belo e harmônico da vida, é a incerteza do amanhã, assim como no mar, as intempéries ditam as nossas decisões a estibordo ou bombordo.

Hasteamos a bujarrona, sentimos a brisa e por vezes necessitamos bordejar, quando não, sermos especialistas em bolina. Mas ficamos felizes quando no meio da tempestade conseguimos planar e, mesmo sob forte chuva e escuridão... avistamos:

O farol!

Ele nos mostra o caminho e exhibe os perigos, impõe a todos a ilusão da dualidade, perigo e segurança, luz e escuridão, caos e harmonia... lados do mesmo dobrão, os opostos complementares, assim como viver e navegar.

Agindo ousadamente como marujos ou argonautas intempestivos, Odisseus enfrentando a ira de Poseidon, oferecemos a literatura como um farol!

Que nesse mar de krakens, sereias e dragões, a nossa Nau literária possa levá-los aos confins dos sete mares e que as palavras aqui iluminem as pedras e as sendas por onde navegarem!

Façamos como Antoine de Saint-Exupéry

*“Se você quer construir um navio,
não chame as pessoas para juntar madeira ou
atribua-lhes tarefas e trabalho, mas sim
ensine-os a desejar a infinita imensidão do oceano.”*

**José Felício Ribeiro De Cezare
Márcio Martelli**

Galho

O galho adolescente consegue,
por fim,
superar limites.
Busca o céu,
floresce,
enfeita,
dá vida.
Logo virão brotos,
garotos atrevidos,
e superado,
o galho engrossa seu tronco
para sustentar novas floradas.



Rosalie Gallo y Sanches

Escritora

São José do Rio Preto - SP

Oração

Este infinito ardendo dentro de mim
Esta paz que me invade e deixa
Sustenido, no ar, sem ar a vagar
Este momento que me deixa mudo
Onde somente as palavras podem
E dizem o que quero dizer
Esse imenso desejo de ser mais que um
Ser dois, três ou ser mil
Vezes eu mesmo para poder viver
Imensamente essas vidas
Que serpenteiam na minha mente
Fazendo-me arder em fogo brando
Esta imensa coragem que de mim foge
Nas horas em que decido explodir
E que me põe brando e calmo

Aqui bem dentro de mim
Ah, esse medo tão bonito
Esse desejo tão desmedido
Esse ser ou não ser sendo somente eu mesmo
Todas as horas que o tempo me chama
Sou as ondas do mar que arrebentam
Na praia onde você mora
Sou a voz, o raio que pinta o céu
E o trovão que clama seu nome
Tão bom ser desse jeito
Tão confortável seguir assim
E cá, bem dentro da alma
Rezo uma prece em latim
Para lhe dizer o que penso e para
que nunca deixe de pensar em mim.



Márcio Martelli
Escritor e Editor
Jundiaí - SP

Entardecer em Jundiaí
Foto de Márcio Martelli

Haeresis

De todas as vezes que você revisitou seu passado, o seu presente tem sido o futuro que esperava?

Ou como a grande maioria, fica se remoendo buscando culpados pelas suas escolhas não tão assertivas?

A vida me parece ser como um caminho sem fim, no qual onde começa nem me lembro mais, mas eu o percorro muitas vezes, cambaleante, agitado, perdido, feliz. Com vontade sempre, eu acho! Na verdade, não tenho, por diversos momentos, consciência do caminho, porém, algo me impulsiona ou me puxa, ou os dois, a continuar querendo compreender aquilo que ninguém compreende, se compreende, assim como poucos o fizeram, ensinam. No entanto, por mais simples que pareçam esses ensinamentos, tenho a sensação que uma peça, talvez uma palavra, um código bem complexo está ausente, oculto nesse processo.

Um entendimento mais profundo faz-se necessário, quando na verdade é algo presente, inerente a todos nós. Buscar, procurar exige métodos, a esmo, ficamos perdidos, mas se houver um guia, um caminho isso traz uma certa segurança, traz calma. O caminho tem que ser claro, limpo, livre, bom, tranquilo. Desde que você aceite que tudo que ocorrer, durante sua jornada é necessário para alcançar o que procura compreender, internalizar para depois externalizar.

Toda teoria se mostra aparentemente simples, talvez porque não a aprendi totalmente, e sim apenas a parte que me foi possível pelo meu nível intelectual, emocional, espiritual e evolutivo. Esse nível quem afere sou eu, pois é sobre mim, seus níveis, interesses, vontades, sendo sobre você, quem afere é você.

Não estar consciente, parece ser uma constante na percepção desse caminho. Estar perdido seria algo ruim? Ou necessário para assim ter mais atenção, mais foco?



Querer estacionar no percurso, seria como construir uma casa sobre uma ponte carcomida, prestes a ser levada por um rio caudaloso ou pelo forte vento. Atravessar essa ponte dando atenção aos possíveis defeitos dela em detrimento a bela paisagem no entorno seria uma visão pessimista? Poderia ser talvez, um cuidado maior para nela continuar seguindo em segurança? Daria para vislumbrar a bela paisagem e evitar as madeiras fracas? Há a possibilidade de apreciar o caminho sem tropeçar?

Sempre, mas o tropeço nos acorda e a beleza ao redor nos faz seguir, com uma consciência propícia a aceitar as contradições daquilo que é um, e percebemos como várias distrações.

As distrações servem para estimular o caminhar ou para te fazer parar? Pode ser uma e outra, aproveitar cada passo engloba uma infinidade de despertares e torpores, tristezas e alegrias, ordem e caos, inconsciências e consciências, parar e seguir, labutar e se acomodar! Para variar, parece fácil, tudo depende das escolhas, a dualidade fazendo-se presente até percebermos que é tudo irreal, a não ser o início que esquecemos. Eu sei que existe, você idem, agora, durante a jornada, o cruzar pela ponte, caso não fiquemos parados, acomodados seja pela paisagem, seja pelos buracos e madeiras podres, o medo, nos lembraremos o quê, o porquê, o quando, o para quê e o até onde seguir! Cabe a você escolher!

Para isso autoconhecer-se é importante, já que o caminho que percorro sou Eu. Perder-se em si mesmo pode parecer seguro, mas o único e perigoso inimigo que posso encontrar sou eu! Então guiarei-me pelo meu Eu, entendendo-me e me aceitando, jamais me enfrentando, transformando-me em quem devo ser e não o que acho que quero ser.

Introspecte-se, autoconheça-se, caminhe-se, encontre-se, desperte!



José Felício Ribeiro De Cezare

Escritor e Educador
Jundiaí - SP

May Chang

Tudo estava correndo na mais absoluta tranquilidade na vida de Marcos Humberto e Sandra Lucíola, não somente nos aspectos financeiro, patrimonial e profissional, mas também em sua prazerosa coexistência conjugal.

Marcos é engenheiro químico formado pela Universidade de São Paulo, mas nunca chegou a exercer a profissão, pois logo após sua formatura ocorreu a morte de seu pai, proprietário de uma pequena gráfica na região de Pinheiros. Em caráter emergencial Marcos, primogênito do falecido, assumiu precariamente a empresa e aos poucos foi tomando gosto pelo ramo de atividade, revelando-se um ativo e dinâmico empreendedor que transformou a gráfica numa potência e tornou-a uma referência no setor.

Lucíola, graduada em belas artes pela Fundação Armando Álvares Penteado, é sócia de uma sofisticada loja de roupas femininas instalada no segundo piso do Shopping Eldorado, local que aproveita para expor seus trabalhos de pintura, que vez por outra também são adquiridos pelos clientes do estabelecimento.

O casal tem uma única filha – Duília – que enquanto estava cursando o último ano do curso colegial havia se inscrito num programa de intercâmbio cultural. Coincidindo com o final do curso recebeu uma correspondência proveniente de Baltimore, nos

Estados Unidos, dando conta do deferimento de sua inscrição, ao tempo em que esclarecia tudo o que lhe era necessário saber para se apresentar perante o casal norte-americano que iria abrigá-la durante um ano nas terras do Tio Sam. A carta informava ainda que seus pais deveriam acolher a jovem May Chang, que concomitantemente passaria um ano em terras tupiniquins.

Assim num curto espaço de três dias Marcos e Lucíola comparecerem duas vezes ao Aeroporto Internacional de Guarulhos: na primeira para a emocionante despedida da filha, que pela primeira vez na vida iria ficar longo tempo distante de seu lar e na segunda para receber aquela que de algum modo lhes poderia amenizar a dor da separação.

O portão de desembarque da ala internacional se abriu e por ele passou o que se pode chamar de uma beleza exótica, um lindo resultado da miscigenação afro-asiática. Os negros cabelos lisos e os olhos puxados denotavam a ancestralidade oriental de seu lado materno, pois os antepassados de sua mãe haviam migrado da China para os Estados Unidos no final do século 19. A pele escura – num tom intermediário entre o mulato e o negro retinto – bem como o formato do jovem corpo, mormente quando se olhava para os proeminentes quadris, eram heranças de seu lado pa-

terno, descendente dos negros que foram escravizados na América.

Após os festivos cumprimentos May Chang foi conduzida à bela residência do casal, situada no Alto de Pinheiros, onde foi acomodada no quarto de Duília. Assim procedendo, Marcos e Lucíola tentavam fazer com que a presença da hóspede mascarasse a saudade pela ausência da filha.

Porém, a partir daquele dia nunca mais a vida do casal seria a mesma.

Mas antes de prosseguir na narrativa dos fatos permitam que eu forneça mais detalhes a respeito de May Chang. Aos dezenove anos de idade ela mede pouco mais de 1,60m e pesa no máximo 50 quilos. Os seios são de tamanho médio, no formato de pernas carnudas. Barriga sem qualquer excesso de gordura. Coxas roliças. Fala muito bem o mandarim por influência da mãe e o inglês por ser sua língua pátria. Ao se inscrever no programa de intercâmbio manifestou o desejo de conhecer o Brasil, motivo pelo qual teve o cuidado de frequentar aulas particulares de português, o que a fez desembarcar por aqui sendo razoavelmente fluente em nosso idioma. Seu sotaque é excitante, ainda mais quando ela pronuncia “Arrarra-quarra” ou “Eldorrado”.

Dentre os muitos casos que ocupam o tempo de psiquiatras, psicólogos e assemelhados existem dois fetiches – ou duas taras se o amigo leitor assim o preferir – que frequentemente são analisados nos consultórios terapêuticos: a atração que o homem mais velho desperta nas adolescentes e em contrapartida o interesse que o homem maduro tem pelas meninas-moças ou ninfetas. No caso da nossa história o feti-

che foi recíproco, ou, numa linguagem mais popular, juntou-se a fome com a vontade de comer – pedindo desculpas pelo involuntário trocadilho.

Aos 45 anos de idade Marcos era mais ou menos fiel a Lucíola, se é que isso é possível. Nunca viveu nenhuma paixão ou caso extraconjugal, mas já dera algumas escorregadelas aqui e ali, principalmente depois das poucas discussões pesadas que tivera com a esposa, ocasiões em que fora afogar as mágoas com profissionais do sexo, em episódios sem qualquer envolvimento emocional, mas tão somente carnal.

O fato é que May Chang mexeu com a libido de Marcos desde o primeiro momento em que se viram ainda no saguão do aeroporto e ela pouco a pouco foi demonstrando que também se sentira atraída por ele, passando a provocá-lo sempre que surgia uma oportunidade. Marcos procurava não dar chance ao azar e evitava o quanto podia ficar a sós com a moça. Tentava a duras penas usar mais a razão do que a emoção, frequentemente se lembrando que May Chang tinha a mesma idade que sua filha Duília, tentando se convencer que um relacionamento com a “chinesinha” poderia se assemelhar a um caso de incesto.

Numa situação como essa é que se percebe que o Diabo não dorme e está sempre atento a fim de convocar jogadores para vestirem o uniforme da seleção do mal.

Foi num sábado pela manhã. Lucíola fez uma reforçada refeição matinal por volta das oito horas e partiu em direção ao shopping, pois era véspera do Dia das Mães e havia uma expectativa de grande movimento em sua loja. May Chang estava de folga do curso que viera fazer no Brasil, pois as aulas eram ministradas somente de segunda a sexta-feira. Marcos

tem o hábito de levantar cedo, mas a semana fora por demais exaustiva – além do fato de ele na noite anterior ter ficado até altas horas bebendo e jogando conversa fora com os amigos – razão pela qual dormira além da conta.

Eram cerca de 10h15 quando Marcos foi acordado pelo doce sotaque de May:

– Tio Marcos, eu precisar do seu ajuda.

Abriu os olhos e viu que encostado à porta de seu quarto estava o apetitoso corpo da moça, coberto apenas por uma toalha de banho:

– Eu querer tomar banho e não estar saindo água da chuveiro. Você poder ajudar?

Marcos beliscou-se e percebeu não se tratar de um sonho. Levantou-se para tentar resolver o problema informado por May, que ao mesmo tempo deu um malicioso sorriso ao perceber uma agitada movimentação por dentro do calção do pijama que Marcos vestia. No curto caminho entre o quarto e o banheiro ela “sem querer” deixou a toalha cair.

Lembram-se da analogia com o futebol feita algumas linhas acima? Pois volto a fazer uso dela: Marcos sentiu-se como se fora um atacante sozinho na marca do pênalti, com a bola sob seu domínio, o goleiro adversário caído e a meta vazia escancarada à sua frente. Era impossível não fazer o gol e ele fez não somente um, mas três em sequência.

Depois da comemoração veio o arrependimento. Não era a primeira vez que ele traía a esposa, mas agora a situação era diferente: a traição ocorrera na própria residência do casal.

Tentou fingir que nada houvera acontecido, mas foi impossível.

Nada foi dito até aqui sobre os dotes físicos de Lucíola, porém agora chegou o momento de dizer: aos 42 anos de idade ela é um mulherão, que frequentemente é alvo de cantadas – das mais chulas até as mais elaboradas – mas que nunca sequer cogitou de trair o marido.

Marcos sempre comparecia em grande estilo quando Lucíola o chamava para os jogos do amor, mas nos dias imediatos ao “affair” com May evitou o quanto pode o contato carnal com a esposa – para isso apresentando as mais esfarrapadas desculpas – até que certa noite ela o encostou na parede – literalmente – e exigiu sua imediata entrada no gramado – se é que o amigo leitor me compreende. Marcos tentou se concentrar no delicioso corpo da esposa, mas ao olhar para o rosto dela via somente o rosto de May e sendo assim não conseguiu cumprir seu dever conjugal. Antes que ele dissesse a célebre frase “isto nunca me aconteceu antes” a mulher fulminou-o com a pergunta:

– O que é que está acontecendo?

Pareceu-lhe que a melhor saída a fim de acabar com a agonia seria contar a verdade e assim o fez.

Marcos arrumou uma pequena mala com algumas roupas e material de higiene, partindo imediatamente para um apart-hotel nas Perdizes, onde fixou residência durante todo o processo de divórcio. Pouco tempo depois recebeu a visita de May Chang, que fora expulsada por Lucíola, tão logo soubera da traição do marido e da travessura da moça que ela acolhera com tanto carinho e que desde o primeiro dia havia tratado da mesma forma com que tratava Duília.

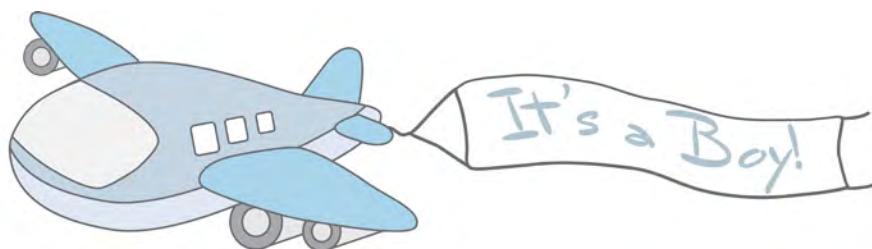
Findo o período de um ano May Chang retornou a Baltimore e é óbvio que somente Marcos acompanhou-a até ao aeroporto.

Dias depois Dulia retornou ao Brasil já sabendo do ocorrido. Assumi para si as dores da mãe e desde então se recusa a qualquer contato com o pai.

Esta história está quase no fim e você que teve a paciência de me acompanhar até aqui deve estar pensando que eu bati muito forte em Marcos: mostrei-o divorciado da esposa, isolado da filha e longe da cau-

sadora de tudo isso, que voltou para sua terra natal. Concordo com você e vou aliviar um pouco a carga do marido infiel: May enviou-lhe uma mensagem de áudio via Whatsapp dizendo que está grávida e que o exame de ultrassom revelou que o feto é do sexo masculino.

Marcos vai ser pai de um lindo chinesinho.



Aristeu de Campos Filho
Advogado e Escritor, Vinhedo - SP



A Lua e o mar

Os meus passos na areia, correm comigo para o mar
E a luz que me clareia, são os raios do luar
E eu aqui tão só, com os meus sonhos por amar
Que me perdem ao longe, então
Onde a vista já não pode alcançar.
Te procuro na imensidão
Desse mar azul sem fim
Deixando meus rastros que se apagarão
Nessa areia da praia tão deserta assim.
A noite é longa com raios de luar
Mas a solidão e a desventura invadem o meu coração.
São suas lembranças, batendo em mim,
como essas ondas do mar
A sua sombra, ali na Lua, reflete minha solidão.
Nas águas desse mar que vai e vem,
Vejo na Lua, a sua imagem, bem ali, a me contemplar
E passa pela nuvem a vagar, como se procurasse o seu bem
Me deparo, então, nessa areia fria e vazia
Esperando que ele venha me encontrar.
E agora, Lua, aqui nessa praia deserta, prestes a brindar
Eu, você e o luar, aqui nesta areia, meus pés irão afundar
Me farão compreender
Que o amor não tem porquê
Me resignarei, então,
Me lembrando de você.



Carmen Sílvia Pereira

Atriz e Escritora
Jundiaí - SP

Lua traíçoera

Não fez promessa mas, iluminou
as minhas noites
Foi testemunha dos meus beijos
apaixonados
Confidente das minhas juras
pertinentes, mesmo que não tenha
intimamente concordado
Até nas brigas deu razão, para os dois
lados, ficando em cima do muro
torceu pela paz entre os namorados
Porém agora, está distante e indiferente
porque só tem olhos, para cativar a
estrela cadente.



Evandro Fernandes da Silva
Bacharel em direito e Escritor
Jundiaí - SP

Mesmo que passe

Passe esse tempo
Meu coração ficará
Nas páginas diárias do dia
Na melancolia
Na alegria
Ficará!

Nada me fará passar...
Passa o tempo
Corre a vida
E nessa correria
Meu coração ficará
E mesmo que um dia
Num tempo que a vida eleja
Nem que ali eu me veja
Não passarei
Não serei
Nada verei

Perdi o tom da intensidade
Nada me é mentira
Nada me é verdade
Nada me toca
Nada me foca
Vaguei pelos dias
Naveguei incerto
Quando o correto
Era passar

Fiquei
Não passarei
O tempo me deixou
Esperei

Vi pessoas passando
Sofrendo
Chorando
Procurando espaços
De saúde e alegria...
Dissolvendo laços
Na agonia
Separação...
Quando nada é para sempre
Nem a noite nem o dia...

Deixei correr
Esqueci de sofrer
Não passei
Não passarei
Meu coração congelou
E vai descongelar
No tempo que vou
Contar...

Quando houver sorrisos
E houver sol
E praia



Ronaldo Alberto Martelli

Gerente de TI e Escritor
Valinhos - SP

E pessoas que se abraçam
Que entrelaçam
Que amam
Que são livres

Hoje não passo
Não posso
Não passarei
Hoje hiberno
Em outro tempo acordarei
E de novo sorrirei
Se hoje foi demais
Amanhã será perfeito
Acordarei
Sagaz
E novamente serei
Eu!

Ontem

O ontem
Faz pouco tempo que passou
E já foi ontem
O ontem da risada
De quem não quer quase nada
Da vida desfalcada
Da vida acelerada
Da festa encomendada
Da viagem planejada
Dos planos feitos para nada
Da vida toda vaidosa e enfeitada
Da reunião da molecada
Da menina que era descabelada
Da partida de futebol numa pelada
Do time com a torcida encrencada
Dos bailes de gala com entrada monitorada
Das reuniões com a praia lotada
Das fantasias de Carnaval com a avenida toda enfeitada
Das reuniões de família em data fixada
Dos festivais de música com gente apinhada
Da doceira que preparava marmelada
Do pijama *démodé* com estampa florada

Tudo isso foi ontem
E já faz tanto tempo que foi o ontem!



Ivonete Piccinato de Freitas

Advogada e Escritora
São Paulo - SP



Fárol da Língua Portuguesa

O poeta disse que viver não seria tão necessário assim,
Talvez pensasse que o começo está grudado no fim,
De forma indelével, como a mancha de tinta na camisa,
Todo pesadelo nos faz suar, acordar, mas nos avisa...
Que o relógio do tempo é um máquina de malucos,
Que poderia sair de hora em hora, como os cucos,
Mas o poeta sabia extrair vida das palavras rimadas,
E antecipou o lirismo que nos confortaria das sacadas.
Ele ainda brilha em um céu especial, que sobrevoa,
Ainda nos ilumina como um farol, este Pessoa,
Ele está na quintessência da Língua Portuguesa,
Então viver ou navegar? Paz, com toda a franqueza.



Carlos Thompson
Jornalista e Escritor
São Paulo - SP

Sonhar é preciso

Nestes dias difíceis de isolamento social, devido à pandemia do Coronavírus, de repente nos vimos impedidos de realizar muitas tarefas que fazem parte de nossa agenda. Algumas conseguimos deixar para outra ocasião, outras se perderam na voragem dessa atmosfera onde ronda o perigo.

Ligados às redes sociais e aos meios de comunicação, percebemos que, realmente, “navegar é preciso”. Um ser invisível nos afirma que “viver não é preciso”, enquanto contabilizamos o número de vítimas abatidas todos os dias.

Mas com certeza não é essa a mensagem de Fernando Pessoa. “Navegar é preciso” nos sinaliza que, apesar de nossa fragilidade aparente, temos nosso lado corajoso, este que nos leva a reagir diante das dificuldades e enfrentar as tempestades da vida sem esmorecer.

“Viver não é preciso” nos diz que, para realmente viver, precisamos estar sempre em movimento, sem nos acomodarmos à espera de soluções que cheguem prontas até nós.

E para conseguir reagir à acomodação, acredito que sonhar é preciso.

Todo ser humano alimenta sonhos, muitos até impossíveis de serem realizados, mas ele não sabe disso. Sai a navegar pela vida, buscando recursos para se sentir compensado; frustrando-se, muitas vezes, quando seus esforços parecem inúteis.

Porque para realizar nossos sonhos é preciso perseverar na luta para alcançá-los. Navegar em várias direções, se necessário for. E também adaptar-nos às circunstâncias, quando reconhecermos que ainda não é o momento certo para atingirmos nossos objetivos.

Se temos sonhos queremos viver e lutar por eles. Ou navegaremos em vão, com o risco de nos afundarmos na depressão e na desilusão.

Em um momento tão doloroso como este, o sonho de toda a humanidade é encontrar a forma de extirpar do planeta este vírus devastador.

Temos que agir. Os idosos aceitando o isolamento sem reclamações. Os adultos e os mais jovens sendo solidários com aqueles que são mais frágeis e que passam por necessidades de toda sorte. Os professores orientando e passando o conhecimento para seus alunos pelo modo on-line. Os pais improvisando tarefas e brincadeiras para os filhos pequenos, exercitando-se na virtude da paciência. Os cientistas do mundo todo trabalhando intensamente no combate ao novo Covid-19. Os médicos, enfermeiros e toda a equipe da saúde lutando sem descanso para salvar vidas.

Alguns se perguntam: “Deus nos abandonou?”

Não, Ele não desistiu de nós. Deus nos mais uma oportunidade para navegarmos no rumo certo, vivermos mais fraternalmente, conservarmos a moradia maravilhosa que construiu para nós, e que não cansamos de destruir todos os dias.

E apesar das tristes lembranças que o período da pandemia deixará para os sobreviventes, mesmo assim Ele nos ofertará o recomeço, com novas oportunidades, no momento em que julgar oportuno.

Sabem qual é o meu sonho?

É o mesmo de todos que desejam um mundo melhor: que terminem as guerras, que sejam extintas a miséria e a fome em toda parte, que haja a cura para várias doenças, que todos tenham oportunidade de trabalho, que os governantes de todo o mundo fiquem unidos, em-

penhados em tornar melhor a vida de seu povo, que a violência contra mulheres e crianças seja punida, que os crimes diminuam, em todas as suas modalidades.

E o poeta, qual é o seu grande sonho?

Navegar livremente nos mais belos versos, viver nos prados floridos e entre as árvores frondosas da inspiração, enaltecendo as virtudes que nos tornam melhores e espalhando seus versos para levar amor e alegria aos que o lerem.

Sim. Navegar é preciso. Sempre.



Flavia Cunha

Pedagoga e Professora aposentada
Jundiaí - SP

Suspiro de outono

As folhas que mansamente se desprendem de mim nesse outono da existência, levam um pouco do que restou dessa história a voitar por eras infindas. São medos e receios que partem para a chegada de um recomeço e anunciam novos sentimentos, novos caminhos e uma esperança maior que tudo que se possa sonhar. São amarelas de um verde desbotado – lindas! Colorem minha alma ainda um pouco triste com essa solidão inesperada. Ah, se essas folhas soubessem... Que quando passam voando ao vento Que quando caminho sobre elas esparramadas ao chão das ruas... É sobre tudo que aconteceu que estou pisando e, aproveito, para acenar com o meu adeus nessa tarde de sol ardente que me aquece o coração quase frio, quase morno, quase assim... Que não sonha mais em voar atrás do tempo. Que somente espera que esse mesmo tempo passe, ultrapasse sem olhar para trás, voando junto com essas folhas de outono levando ao mundo um aliviado suspirar.



Márcio Martelli

Publicitário e Escritor
Jundiaí - SP



Carlos Thompson
Jornalista e Escritor,
São Paulo - SP

Cismãs da noite fria

Na noite fria,
Uns costumam máscaras,
Outros tiram as suas,
E com as faces nuas,
Quanta aleivosia...
O vento parece murmurar,
Uma hora, tudo vai mudar,
Mas e as nuvens, não mudam?
Embora suas formas nos iludam.
Não sei. Vamos esperar.



Armários

De que adianta arrumar as contas em gavetas
Os números se misturam, se somam, multiplicam
Ficam infinitos como o Universo
Inútil ainda manter livros nas estantes
Pois as letras se misturam
Histórias se confundem
Se tornam os livros espectadores
Da confusão escrita e atropelada dos dias
Dentro dos armários pairam silenciosamente as roupas
Que vestem os ânimos, as viagens, o trabalho
E os desalinhos dos dias despídos de vida
Diante de cada gaveta, armário, prateleira
O desarranjar da tentativa vã
De conduzir a vida assim
Trancafiada

Maria Teresa Sponchiado

Escritora

Jundiaí - SP

Um vestidinho vermelho

Era uma noite tranquila. O enorme transatlântico singrava suavemente as águas do oceano Atlântico. Na embarcação toda iluminada aconteciam as usuais atividades noturnas: bares com músicas variadas, cassino funcionando a toda, casais dançando nas pistas dos diversos decks, teatro na saída do último show, restaurantes encerrando as atividades do dia, enfim, às 23 horas tudo transcorria dentro da normalidade.

Tudo? Na cabine externa 10126 no décimo deck, com varanda para o mar, estava tendo início uma borrasca que iria por fim à calmaria vigente. Nicanor e sua esposa Laura vestiam-se para ir dançar na boate do navio, como faziam todas as noites. Nicanor já pronto, com uma camisa colorida, calça jeans e sapatos esportivos. E de cueca, claro. E Laura? Aí é que começava morar o perigo. Ela escolheu um curtíssimo vestidinho vermelho que deixou o próprio Nicanor idem de raiva (desculpem o trocadilho). O traje era tão curto, mas tão curto, que qualquer movimento mais amplo das pernas de Laura, via-se a cor da calcinha que trajava, no momento branca.

Nicanor até que se achava um marido moderno em comparação com alguns de seus amigos mais caretas, mas aquele microvestido era demais e bateu o pé na negativa: “Com essa roupa você não vai!”. Laura argumentou: “Mas Nini (Laura chamava o marido de Nini, ora vejam vocês!), eu trouxe esse vestido para

dançar com você na boate, amorzinho.” Não adiantou nem Nini, nem amorzinho para o marido mudar de opinião. É bom esclarecer que Laura era uma mulher, na linguagem popular, gostosona, tanto que, quando ia tomar sol e nadar nas piscinas, deixava as mulheres com inveja e os homens... hã..., como direi, eriçados (se é que me entendem). Era por essas e por outras que Nini, perdão, Nicanor não estava disposto que sua mulher fizesse, à noite, o mesmo sucesso que fazia com a rapaziada da piscina, durante o dia.

Ainda discutiram em termos civilizados durante dez longos minutos, até que Laura percebendo que Nicanor não cederia, descontrolou-se: “Ah é? Então vou jogar fora essa porcaria de vestido e vou me jogar nua da varanda!” Dito e feito. Antes de qualquer reação de Nicanor, lá estava Laura completamente despida (alô moçada) e perigosamente debruçada na amurada da varanda da cabine. Absolutamente transtornada não permitia a aproximação de Nicanor ameaçando atirar-se a cada tentativa do marido. Nicanor resolve então solicitar ajuda da tripulação do navio.

Primeiro chama a camareira que também não consegue afastar Laura do parapeito; tampouco o chefe dos camareiros tem êxito na sua tentativa. Laura permanece irredutível no seu propósito. O chefe da segurança tem igual sorte na sua tentativa. Abrimos aqui um pequeno parênteses para explicar que, ime-

diatamente abaixo da varanda onde ocorria o evento, ficavam as lanchas salva-vidas da embarcação; logo, se Laura caísse não iria parar no mar, mas de qualquer maneira seria uma queda bem perigosa.

Voltemos ao relato. Naquela altura já se apelara para a hierarquia da tripulação do navio: vieram, o Diretor de Eventos, o Imediato e por fim chamaram o Comandante da nave, que mesmo com a sua plena autoridade a bordo e seu imponente uniforme não conseguiu convencer Laura a desistir do seu intento. Nesta ocasião as varandas das cabines contíguas à de Laura, estavam cheias de curiosos, bem assim, na área das embarcações de salvamento, logo abaixo onde se postavam mais curiosos e membros da tripulação para socorro numa infeliz queda de Laura.

Era de se ver a desfaçatez dos homens que diziam estar preocupados com o destino de Laura. Olhavam tapando os olhos com as mãos, deixando, porém, os dedos abertos porque ninguém é de ferro. A visão do corpo de Laura coberto apenas com brincos e colar aguçava a safada curiosidade da rapaziada do barco.

Já se haviam passado algumas horas desde o início do incidente, quando surgindo não se sabe de onde, um membro do escalão médio da equipagem, apresenta-se para solucionar o problema. Tratava-se de um tripulante de nacionalidade portuguesa (por favor, não tirem conclusões apressadas) que, se soube depois, fez parte da polícia lusitana, servindo como “negociador” nos casos de sequestro. Muito bem. O homem, com um agasalho nas mãos e conversando com voz calma e firme, oferece a roupa para que Laura cobrisse suas vergonhas (como se dizia muito antigamente), no momento em que Laura estende sua mão para pegar a roupa, o

“negociador” rápida e profissionalmente segura a mão de Laura e a puxa para longe do parapeito, deixando-a posteriormente na cama da cabine onde médicos e enfermeiras estavam esperando para ministrar calmantes em Laura e em Nicanor que se encontrava em estado de choque durante todo o processo.

Alívio geral e voltam todos para os seus destinos deixando em paz o casal protagonista do triste acontecimento.

O “causo” foi comentado durante muito tempo por quem estava presente na ocasião, por aqueles que apenas ouviram dizer, até que chegou aos ouvidos de um contador de histórias...



José Garcia Netto

Aposentado BB
Praia Grande - SP

Até um dia

Não há definição
Pois palavras não há que se valha
Na falha do coração
Definir com clareza
Felicidade
Amor
Saudade

O quarto está vazio
Mas toda a sensação
Quase sem razão
Não sai não sai
Sempre estará
Porque criamos mundos
Para outros também viverem

E continuamos
Porque não existe separação
Tristeza
Solidão

Há o amor, o amor há
E nada mais que se valha
E o que fica
E que nunca se vai
O perfume
A frase escrita
Um brilho, um lume
Avista
E tudo é novamente
Vida
E não há ausência
Somente vida
E lentamente
Essa essência
Palpita.

Já não há mais nada que não seja
amor...
e isso basta!

Ronaldo Alberto Martelli

Gerente de TI e Escritor
Valinhos - SP



Minha coleção preferida

Fui uma jovem que gostava de colecionar. Tenho até hoje a pasta de papel de cartas, um caderno de lembranças, cartões de quando meu marido ainda era namorado e tínhamos por hábito trocar mensagens escritas.

Colecionei por anos letras de música, que hoje estão em minha memória, onde bastam alguns acordes para me disparar a cantar.

Com o passar dos anos mudei meu foco de coleções. Deixaram de ser objetos.

Resolvi guardar as boas lembranças da vida como combustível para suportar os períodos ruins. Fotos e vídeos junto às pessoas queridas.

Resolvi investir nas boas amizades, reservando momentos para visitar amigos queridos, topar um passeio ou convite sem grandes planejamentos, pelo simples sabor dos reencontros.

Há tempos abandonei sonhos que me custavam caro demais para obtê-los. Passei a colecionar as lembranças de boas e alegres conquistas.

Há tempos, percebi que o maior tesouro a acumular era o do conhecimento compartilhado, onde meu saber só terá valor se o vejo tornando a vida de outra pessoa melhor. Minha coleção de sorrisos aumentou.

Nesse momento de recolhimento, de reinvenção de minhas ações, a cada dia sinto o quão importante foi investir mais na navegação da vida do que no destino exato a se alcançar. Quão valioso foi manter o hábito de colecionadora, mas ter mudado o foco do que acumular.

Lembranças de cafés com amigos, viagens regadas de bons encontros, pizzadas sem motivo especial, um parabéns surpresa, onde cada um levava doce ou salgado, uma gostosa roda de conversa.

São esses momentos que todos os dias resgato de minhas coleções.

São eles que alegrem meu coração e me fortalecem na caminhada.

Olho minhas escolhas de vida, meus tropeços e quedas, que não me derrubaram, mas trouxeram a força e a energia necessária para continuar acreditando que, em breve, toda essa situação mundial vai passar, e esse bons momentos, salvos na memória e no coração, vou rememorar.

Susana Bueno de Souza

Colecionadora de
bons momentos
Jundiaí - SP



Águas vividas, águas passadas

Há pouco menos de quatrocentos anos, depois da Pátria-Mãe Portugal ter achado no século XVI, uma terra nova, hoje Brasil, ganhou também outra boa nova no século XIX, hoje Fernando Antonio Nogueira Pessoa. Esse seu filho prodígio se fez merecedor de muita estima, pelas suas obras literárias fora do comum e, por isso, se tornou ícone, motivo de admiração e de outros sentimentos, como esta minha dedicatória:

Famoso

Escritor.

Raciocínio notável

Nas suas escritas.

Almas divididas

Nos seus heterônimos.

Deixou-nos um legado expandido.

Os seus “eu”?

Auferiram seus objetivos.

Navegar? Sim, era preciso.

Ter vida? Sim, viver não era preciso.

Os mares? Águas de descobrimentos,

No horizonte desconhecido.

Imaginação extraordinária.

Olhos de águia.

Nos seus escritos,

Ostentou proezas

Ganhou realce,

Utilizando com destreza o seu talento.

Elaborou seus textos com maestria.

Irradiou mensagens alegóricas.

Representou bem o seu tempo.

Argúcia não lhe faltou.

PESSOA? Importantíssima!!!

Equiparou-se aos da literatura universal com,

Sucesso, sucesso, sucesso.

Sucesso e mais sucesso.

Ombro amigo e inspirador.

Amado, amado, amado!!!



Manoel de Jesus Carvalho

Aposentado e Escritor

Jundiaí - SP



Gnóthi Seauton Meden Agan Nosce te ipsum (Tēmet Nosce)

Sempre cremos naquilo que nos conforta, que nos traz segurança. Não que isso possua um sentido lógico, pois a vontade de acreditar não necessariamente é racional. Crer no que queremos é muito mais estimulante em relação ao plausivelmente real, efetivamente verdadeiro se é que algo assim exista, seja fisicamente ou metafisicamente compreensível até então. Alguns questionamentos têm direcionado o caminhar social, sempre alocados como importantes, mas peritentes somente àqueles que de alguma maneira, “conquistaram”, “adquiriram”, “possuem” os requisitos solicitados para a nobre função do questionar. Oferecem inerentemente o escudo e a espada, a doença e a pseudocura e por terem o controle dos opostos, seguimo-los como o manso rebanho que se acotovela e se pisoteia na busca do agir correto?

Assim os seguimos, religiosa, política, cultural, filosoficamente e por todas as sendas e conceitos expostos ao longo de éons. Talvez porque essas pessoas “conquistaram” (não sei se seria o termo apropriado) o divino direito, em determinado momento. O direito ou poder de decidir por nós e sobre nós, guiar-nos, ensinar-nos, educar-nos, julgar-nos... por quê? Esses seres, átomos, mônadas, Egos, *atmans*, *atmas* ou quaisquer nomenclaturas que lhes possam ser atribuídas receberam uma autorização, foram escolhidos, houve

aclamação, venceram combates e o prêmio por isso foi esse poder, dom, castigo, magia (em seu sentido profundo, sabedoria) ou direito?

No contexto espiritual – diferentemente do religioso, se compreendido o espiritual ou espiritualidade como um processo empírico do ser se conscientizando de Si mesmo e vice-versa, sendo autopercebido como transcendente, além da percepção física de existência até seu limite permitido/conquistado de acordo com sua evolução – muitas vezes confundido com o religioso/religiosidade ou religião. Quando a religiosidade sendo um processo apresentado a outro, válido como exemplo, uma experiência externa, conhecimento exterior, ainda inconsciente de sua integralidade, totalidade física, astral e causal. Essas explicações apresentam as diferenças que servirão como ilustração do impermanente domínio por determinadas pessoas, em determinados contextos e períodos históricos.

Atentar ou creditar ao que não é usual pode ser um exercício relevante, para uma apreensão maior daquilo que a espécie humana capacitou-se a conceber como pensamento metafísico. Quando da criação do



José Felício Ribeiro
De Cezare
Professor e Escritor
Jundiaí - SP

que nomeamos universo, a teoria que ocupa um *status* de aceitação é a do *Big Bang*, essa nada mais é do que um eco das muitas culturas antigas e mistas e suas consideradas lendas.

Para alguns místicos judeus, a existência que vivenciamos é apenas uma pequena porção, 1% manifestado para que pudéssemos vir e readquirir/conquistar/requerer/receber o que já seria nosso. Por nossa vontade e autorização do *tetragramaton* – representa o nome que não deve ser pronunciado – e sob seus 72 aspectos estamos aqui, pois, não concordamos em termos tudo sem por isso buscado. Os 99% restantes são a realidade sem precedentes, a única da qual vislumbramos um ínfimo ponto; originado de um: ponto. E por encarnações seguidas, teoricamente nos aproximam ou nos afastam de algo que é já está em nós, porém, para o aprendizado (evolução) acontecer (pode levar mais ou menos tempo, sendo esse último uma ilusão) acabamos por esquecer determinados conceitos como no mito grego de *Er*, ou seja, agimos no escuro. Mas pelo nosso esforço encontramos os meios e os fins. Escolhemos experienciar o que vivemos, as consequências de nossas ações. Quando há harmonia o caminho segue em paz, quando em desarmonia algo precisa ser apreendido. Nada de bem ou mal, apenas resultados de escolhas/ações, mais uma vez “esquecidas”, mas através de estudo, contemplação e aceitação são entendidas e sobrepujadas.

Uma outra conceitualização muito interessante sobre cosmogonia e antropogênese, surge dos *Vedas* e seus ensinamentos, *Upanishades* – tratados filosóficos sagrados – sob orientação dos *Rishis*. Oriundos de alguma outra parte do cosmos, ou seres que na evolu-

ção estão/estavam em um grau elevado e habitavam com ou como grandes divindades na Terra e/ou em outro planeta desse mesmo sistema, ensinaram os caminhos de reunificação em *Parabrahman*, o poder e/ou consciência e/ou inteligência presente em toda a criação que é a manifestação de sua vontade, seus pensamentos. Representa-se como destruidor/restaurador na manifestação de *Nataraj* ou *Shiva*; como mantenedor/provedor *Vishnu* e seu avatar *Krishna* e criação/organização da manifestação *Brahma*.

A existência de tudo, de átomos a universos, passam por exemplo, pelo “dia” de *Brahma*, que abrange momentos de expansão e contração, como a respiração, respectivamente, *manvatara* (manifestação) e *pralaya* (descanso). Perceptível em todas as escalas, de células a sóis, de formigas a galáxias, de nós a multiversos. E de encarnação em encarnação, sob as consequências das escolhas, que podem ser neutralizadas pela prática de diversos tipos de *Yoga* – união com a inteligência suprema. Desde que sejam não só ritos, mas a percepção do Eu em nós. Todas as divindades são representações do Absoluto, sem forma, não se pode considerar o hinduísmo uma religião, já que contempla períodos ancestrais da presença, habitação e reconhecimento de divindades entre as pessoas. Nem uma crença politeísta, por atribuírem a criação/manifestação como resultado de um princípio uno, exemplificando seus aspectos em uma enorme variedade de seres divinos.

No caso da Suméria, uma região que alguns estudos afirmam ser mais antiga que a ocupação no Vale do rio *Indo* e do *Ganges*, possuía ou possui como melhor considerar, uma crença originada em seres que

em busca de uma substância para salvar a atmosfera de seu planeta, *Nibiru*, encontraram na Terra – que resulta de uma intervenção desse globo gigante e seus satélites em outro planeta: *Tiamate* – o ouro, objeto sagrado, de alta condutividade e desejado por todos e de grande valor. A concepção de divinização e sua estruturação dentro do pensamento metafísico podem encontrar-se nessa relação. Para prospectar o material abundante, os seres vindos dos céus, os *anunnakis*, começaram a trabalhar organizando seu complexo na Terra.

No ciclo ao redor do nosso sol a cada 3.600 anos em seu perigeu (alguns teóricos creem na sua proximidade, após um possível contato visual na década de 1980 e ainda presente), os *anunnakis* interferem na humanidade criada e melhorada geneticamente pela miscigenação entre as “deusas” e os seres que aqui se encontravam, agora sob sua imagem e semelhança. O encontro ou contato ocorreu há quatrocentos mil anos e permanece. Foram chamados de deuses astronautas, os contos e registros hebraicos originam-se de suas histórias desde a “criação” do *Adam Cadmo* (povo primeiro feito de terra escura), até os poderes “inexplicáveis” de alguns humanos descendentes dos habitantes de *Nibiru/Marduk*. Além dos hebreus e indianos, egípcios formaram e conceituaram da tal fonte. É conveniente citar que relacionam-se com todas as culturas antigas e participam dos acontecimentos mais conhecidos e dos periféricos da humanidade. E ao seguir do tempo o reinado de algum desses *anunnakis*, ou *anakins* construíram ou derrubaram impérios até a atualidade pelo mundo. O tal 12º planeta interfere também na órbita de outros astros, o que

explicaria certas anormalidades em nosso sistema e adjacências.

Podemos estabelecer relações entre Constantino e os *anunnakis*? Por mais cômica ou absurda que possa se apresentar essa suposição, lembre-se que Constantino, após “vislumbrar” no céu o sinal de uma cruz determinou que o cristianismo fosse a religião oficial do império. Tornando-se a corrente religiosa mais conhecida no ocidente, oriunda de ensinamentos de um místico judeu, descendente da casa de Davi, que como signo que a representa tem uma estrela de seis pontas. Sendo sua primeira aparição, nas tabuletas de barro em escrita cuneiforme, simbolizando uma área/grupo muito importante na estrutura *anunnaki* na Terra. O místico Jesus, alcançando o grau de Cristo, teve seu legado chamado de cristianismo, transformado em religião e desde então deturpado ou “adaptado” para cada qual compreender sob seu nível evolutivo. Há registros de sua estadia, encontrados pelo pesquisador russo Nicolau Notovitch e tantos outros em um mosteiro budista em *Ladakh* no Tibete, no período em que nada se sabia sobre ele. Está nos escritos como o homem santo de Israel, chamado pelos monges de *Issa*, raiz de *Ishvara*, assim como na Cachemira e norte da Índia, chamado de *Yuz Assaf* (nomes muito próximos a *Yeshua*) onde viveu e formou família após ser crucificado, região onde foi ensinado o budismo tântrico pelo *Bodhisattva Padamasambhava*. Seus ensinamentos mais profundos, assemelham-se incrivelmente aos do budismo tibetano de *Tatagata*, a filosofia socrática, ao estoicismo, taoísmo... ainda no conceito de autoconhecer-se e tornar-se responsável por seus atos e as consequências deste.

Sendo Deus/deus uma presença no indivíduo, cabendo a ele, com a ajuda ou não de um mestre/guru conscientizar-se dela, despertar búdica e criticamente, aceitando seu adversário interno, ego e superando o adversário externo, ilusão manifesta ou como conhecida entre *swamis*, *hindus* e teósofos como *maya* e sua conexão com o físico fecundado pelo espírito ou inteligência onipresente e divina em tudo e no ser. Assim sendo, nada é externo, tudo está no indivíduo, as apreensões e dialéticas são interiores e se manifestam no mundo sob suas percepções desse. Mesmos ensinamentos, bocas diferentes, ressoam de aspecto congruente ainda no Islã, sufismo, jainismo, gnosticismo, zoroastrismo (os 3 reis magos (sábios) que veneraram Jesus eram persas), *Ki kung*, xamanismo, etc.

Quem assumiu para si, a responsabilidade por séculos de como guiar as ovelhas sob o legado de Jesus foi a Igreja Católica (do grego: universal, para todos). Antes de suas cismas e conflitos ainda maiores modificou alguns conceitos ou dogmas ou ensinamentos – pode-se dizer que foram necessárias? – um muito interessante foi sobre a reencarnação. Desacreditando Orígenes, Clemente e suas palavras, Justiniano e sua esposa Teodora, no II Concílio de Constantinopla no ano de 553 do calendário gregoriano, resolveram excluir o preceito reencarnatório, pois, poderia “interferir” na percepção de existência do indivíduo. Procrastinar sua “boa conduta” para uma vida posterior, seria o motivo ideal definido como credo às massas. Complementando os dogmas ortodoxos e protestantes. O que retira do indivíduo sua responsabilidade e a atribui a um ser superior onisciente que decide por ele, magnífica ferramenta de controle!

Aparentemente, esse ensinamento reencarnatório era primordial nos tratados egípcios, já que na não compreensão integral deste, o trabalho de mumificação na intenção da alma retornar ao mesmo invólucro ocorria. Quando não, os sacerdotes faraós percebiam-se por vezes como a (re) encarnação de alguma divindade ou aspecto do uno inicial. Além de grande conceituações referindo-se a tecnologias (teoricamente na atualidade inoperáveis), presentes concomitantes nos contos sumérios e indianos. Como os seres oriundos das Plêiades, do entorno de Sírio, Vênus, Vulcano, nossa Lua, Nibiru – Marduk – Nêmesis – Hercolubus, Saturno, dimensões paralelas, planos sutis de existência, nossas *criações* e etc.

Parece-me mais racional pensar que esses poucos comentários, que discorrem sobre algumas análises de mundo e criação ou *criação* fazem sentido. Do que aceitar alguns poucos anos de existência física “consciente”, depois uma pausa num local mais ou menos agradável durante determinado período até um deus juiz dizer se vou arder no inferno – parece haver um momento próprio para o arrependimento total – ou alegrar-me no paraíso céu. Lembrando que até o “céu” possui estamentos, seja nos nove reinos, domínios e potestades... ou nos 3 graus, ainda no último com divisões bem específicas. A mitologia grega, como outras, ensina não um inferno de castigos, mas o mundo onde habitam as almas sem corpo físico, do qual só se sai com benesse de algum olimpiano. Seria um local real na Terra. No Antigo testamento, primeira parte da Bíblia utilizada pelos cristãos, de origem hebraica, o tal inferno baseava-se em um local onde lixo era descartado e queimado, e onde os mais

pobres perambulavam, assim como os que sofriam com a lepra e outros marginalizados pela sociedade. Nunca houve clareza sobre o referido espaço infernal. Para os semitas e adomitas, antepassados hebreus – Abraão, as terras inferiores se localizariam fisicamente na Terra, bem abaixo do que se chama atualmente linha do Equador, local de exilados e possíveis criminosos. Oposto diametralmente ao *E-din* do povo *Adam Cadmo*.

O castigo ou salvação eterna dentro de toda a estrutura universal concebida, ou não, pelo intelecto humano dá-se por poucos anos no ser chamado Terra, que seria o deus que atende nossas necessidades primevas e que vive há bilhões de anos? Mesmo para os mestres que vivem duzentos, trezentos, quatrocentos anos ainda seria pouco, apesar de uma qualidade exorbitante de utilização de seu tempo. Nossa existência nesse *manvatara* é um relâmpago no céu da criação cósmica, relâmpagos ocorrem mais de uma vez! Apesar de ser mais fácil ser cético ou ateu quanto a tudo isso, buscar respostas apenas em evidências

ditadas por discursos autorizados e especialistas, que em momento algum se colocam contra o senso comum, apenas repetindo o mais prático, o que mantém o controle, o que não permite questionamentos sobre causas e condições. As respostas não são a resposta, a resposta são os questionamentos, esses movem a evolução. Então será tudo isso nossa invenção? Somos apenas fantoches? Aglomerados de células, germes e bactérias? Células no corpo de um ser maior, que complementa outro ser, que faz parte de outro ser e assim até a totalidade? Somos responsáveis por nossos atos e respondemos por eles? O que você acredita é a verdade? Ou você tem medo de descobrir que tudo não passa de ilusão, um teatro cósmico? O que está além se faz presente? Passado e futuro são reais? O agora é real? Existimos quando achamos não existir? Não existimos como achávamos que existiríamos se assim fosse? Quem é você? O que você é? Um nome? Um gênero? Uma coisa? Uma função? Um cargo? Uma profissão? Adjetivos? Pensamentos? Sensações? Raciocínios? Somos só isso? O que é “isso”?

Pílulas da quarentena

Nesses dias de confinamento domiciliar observa-se um sem número de manifestações de solidariedade e de fraternidade, muito próprias aliás para o momento que atravessamos.

Em todos os meios modernos de comunicação aparecem mensagens e mais mensagens de autoajuda e de aconselhamentos possibilitadores. Agradam-me, sobremaneira, as manifestações musicais com cantores, cantoras e músicos em suas respectivas sacadas e janelas alegrando e distraindo os demais moradores com suas interpretações carregadas de sentimento e de emoção.

Na esteira dessas últimas formas de conagração à distância decidi também alegrar o edifício onde moro e suas adjacências, fazendo uma performance musical.

Numa noite dessas, peguei a minha caixa de som O'Neal, e conseguindo um acompanhamento "pirata" extraído do *Youtube*, fui para a varanda do meu apartamento e me preparei para uma pequena apresentação para os vizinhos.

Escolhi, dentro do meu estilo, um samba de breque, especificamente a música *Na subida do morro*, gravada por Moreira da Silva. Em seguida, liguei o aparelho, conectei o microfone, tasquei um volume razoavelmente alto e comecei a cantar. Após as duas primeiras frases musicais comecei a ser acompanhado pelos ganidos dos cães do sexto e do quinto andar. Observe-se que os latidos não estavam, definitivamente, no mesmo tom da minha voz.

Mais ou menos na metade da música, ("...eu sempre fui um malandro malvado, porém estou regenera-

do...") parece que os meus vizinhos não entenderam direito o sentido da minha apresentação e devem ter imaginado que eu estava precisando de mantimentos hortifrutigranjeiros e começaram a me presentear (via aérea) com diversos itens da espécie.

Chegaram: quatro laranjas (uma delas podre), meia dúzia de tomates, cinco ovos que, por motivos óbvios (em trocadilho), não consegui aproveitar, meia cebola (vejam vocês, meia!), cinco batatas (sendo duas doce) e quatro bananas (duas já descascadas). Todos os produtos vinham acompanhados de manifestações verbais que, dada a distância e aos latidos, não entendi direito. Alguma coisa com referência a minha família. Não sei. No afã de recolher as oferendas, só mais tarde fui desligar o som.

Amanhã, mais uma vez vou entreter os meus vizinhos, e espero que nessa oportunidade, eles complementem a lista com abóbora (pequenas, por favor), cenouras e, talvez, beterraba. E mudarei o tipo de música. Estive pensando no velho e bom Ataulfo Alves com sua *Atire a primeira pedra*, mas desisti, pois a minha plateia talvez entendesse mal. Melhor não. Ficarei mesmo com o genial Noel Rosa, quem sabe *Palpite infeliz* ou *Fita amarela*. Antes pretendo combinar com os cachorros a tonalidade musical. Até breve!



José Garcia Netto

Aposentado BB
Praia Grande - SP

🕒 *melhor para você*

Para hoje eu preparei um amanhã
Guardei o perfume daquela mais linda flor
Transformei minhas palavras em poesia
Busquei por aquele sorriso distante
Tornei o meu mundo mais belo
E troquei esse mundo com o seu
Recuperei umas notas musicais
Com elas fiz a mais linda canção
Fiz uma guirlanda de flores
E as coloquei em volta do seu coração
Com meus passos fiz um lindo bailado
Resgatei o seu mais lindo olhar
Para que você tenha sempre a mais linda visão
Ofereci a você as minhas mãos
Com elas ganhei um perdão
Trouxe a ternura no olhar
Enfeitei de amor aquele altar
Meus pensamentos rodam
Fazem na minha cabeça uma ciranda
Guardei comigo a última gota do elixir da eterna juventude
Alimentei-me com o melhor maná
Tirei a maior sorte do mundo
Estou aguardando pelo menor dia
Tudo isso eu vou lhe entregar



Ivonete Piccinato de Freitas

Advogada e Escritora
São Paulo - SP

Adeus Super-homem

Correr, voar
Coisas de super-homem
Voltar o tempo
Super amar
Hoje será ontem
Ahhhhh...

Peito de aço
Tudo posso
Tudo faço
Nada para esse herói
Ninguém
Nem trem
Espaço
Oras.....
Homem... de aço!

Aí a gente se vê como é
Em brumas
Quimeras
Cabelos ao vento....
sem voltar!!!!
Atento! A chamar:
-Ei? Venha cá super-homem

Ainda preciso ser você
Ele olha... já deu, amigo!
Agora é contigo!!!

Amigo...
A solidão te pega
A doença chega
A gente xinga, mas não adianta
Porque a gente é gente
E não é de aço

Acorda de manhã
E está despenteado
Barba por fazer
Aquela cueca vermelha
Sobre o pijama azul
Sumiu....
Adeus super-homem...



Finalmente você se foi...
Ficou esse vazio
Essa sensação doida
de que ainda
Faço o tempo voltar
Por amor....
Mas esse tempo passou
Pecou
Ficou
Surtou
Passei
Chorei

Super-homem se foi
Agora posso adoecer
Talvez um dia até morrer
Mas nunca esquecerei
Que aqui, no coração,
Pras meninas tão lindas
Tão minhas
Um dia
Fui super-homem!

Ronaldo Alberto Martelli
Gerente de TI e Escritor
Valinhos - SP

E, então, eu nasci!

Se nascer foi simplesmente abrir os olhos e despertar aqui neste planeta que chamamos de Terra, então, eu realmente nasci. E não posso dizer se foi por livre e espontânea vontade ou por imposição, porque não me sinto exatamente como alguém deste planeta tão intolerante. Talvez, como dizem, eu seja necessário e somente aqui eu possa compreender as lições que ainda não aprendi. E foi no dia 5 de maio de 1968 que isso aconteceu.

Não vou aqui delongar por minha história, por tudo o que passei. As alegrias foram muitas e as tristezas também. Se colocar em uma balança, diria que sou mais feliz do que triste. “É melhor ser alegre que ser triste...” já dizia Vinicius e é exatamente por isso que procuro sempre olhar o lado bom de tudo. E nestes tempos de pandemia e redes sociais... ai, meu Deus, como é difícil!!!

Recordo que sempre tive uma certa expectativa quanto ao ano 2000. Era algo inatingível, tão longe, mas tão longe que eu pensava, nos meus 12, 13 anos de idade, que nessa data eu teria 33 anos. Uau, como eu seria velho! Era o que imaginava.

Pensava na quantidade de tecnologia que chegava para nós... CDs, imagina só, as velhas bolachas de vinil iriam ceder espaço para um disquinho de plástico, com um som bem melhor – assim que me foi vendido – e com um lado só para ouvir. E não tinha o lado B? Que fim ele levou? As canções do lado B eram sempre tão melhores.

Eu lá fui eu seguindo a onda new wave ao som de B52´s vestindo camiseta verde limão para curtir essa novidade que chegava. E o rock começava a surgir na minha vida. O rock nacional para ser bem claro: Kid Abelha, Ultraje a rigor, Paralamas, Biquini Cavado, Ira! e... a Blitz!!! “Você sabe essas noites...”

Mas o tempo passa como um raio. Num momento 15 anos... no outro... 30, 31, 32... 33! O ano 2000 mal chegou e passou voando por sobre nós, pobres mortais que tínhamos o tal bug do milênio que ia



fazer tudo parar; o mundo iria parar que nem na canção do Raul. Mas o tal mundo não parou no ano 2000. Foram precisos mais 20 anos para que isso acontecesse e ficamos todos nós... – todos???? – pianinho no nosso canto a pensar na vida confinados dentro de nossas casas.

Vi muita coisa neste tempo que estou por aqui. Tanta música boa. Vi tanto artista chegar e sumir. E vi muita gente partir. Às vezes fico pensando por que é que tem de ser assim. Sobreviver a quem a gente tanto ama... será que não deveríamos ir juntos, todos de uma só vez para um novo planeta onde possamos, oxalá assim permita, viver uma nova jornada em paz.

Mas não é assim! Não pode ser assim. O homem tem de evoluir através dessa jornada terrena. Precisa aprender. Respeitar. Entender a natureza e o planeta onde vive. Nós destruímos a nossa própria casa, pois até onde se sabe a Terra, aquele pontinho azul no universo é onde moramos; e é o único planeta habitável dentro da nossa compreensão e tecnologia atual. Que existem mais, com certeza existem, mas nós, por enquanto, só conhecemos este.

E o que fazemos? Destruímos ele. Eu pergunto: que evolução é essa? No meu ponto de vista: nenhuma. Reclamamos e não fazemos nada. Entramos em pânico e não fazemos nada. Desesperamo-nos e não fazemos nada. Excelente evolução essa.

Não é a tecnologia que nos fará evoluir. São as nossas ações, nossos pensamentos, nossa forma de agir. “É preciso chuva para florir”, diz o poeta Sater. É necessário sermos solidários e oferecer mais de nós mesmos do que querer que nos ofereçam. São Francisco já dizia isso há centenas de anos. “Amar do que ser amado, compreender do que ser compreendido...”

E foi preciso um microscópico ser, invisível a olhos nus, para poder incutir na cabeça de uma boa parte da população – nem todos ainda entenderam - de que somos todos iguais. Porque esse vírus não faz distinção. Seja rico ou pobre. Hétero ou gay. Preto ou branco. Homem ou mulher. Feio ou horroroso.

E então, só assim, nós paramos.

E sentimo-nos tão perdidos porque descobrimos que não morávamos na nossa casa. Apenas dormíamos nela e nada mais. E como foi e ainda está



sendo duro para muita gente. Nós não falávamos mais entre a nossa gente. E tivemos de nos aturar todos os dias, todas as horas nesses dois longos meses. Que ainda não acabaram... e não têm data para acabar.

Foi aí que passamos a entender um pouco mais as professoras das escolas. Foi então que descobrimos que nossos anjinhos não eram assim tão anjinhos como pensávamos. E nem nós éramos tão santos assim fora do território onde reinávamos e tudo funcionava direitinho, tintim por tintim.

E acabamos por ficar muito mais perto uns dos outros apesar de toda a distância que nos separava. Descobrimos o porquê da arte ser tão importante na vida do ser humano. A arte nos alivia, alimenta nossa alma com sua beleza e nos faz mais alegres, felizes e tolerantes.

Parece então que os valores se inverteram? Foi isso que entendi?

Não sei. Sei que o mundo todo assiste aos shows pela tela do seu celular, laptop, computador, smart tv e interage com o artista que se apresenta. Nem em um show ao vivo isso era antes permitido, mas do sofá da sua casa você pode assistir ao seretanejo e mandar mensagem para ele que vai poder ler e comentar o seu recado com o resto do mundo. Não é fantástico? E, além de não pagar para assistir aos shows, o mundo inteiro colabora com doações para quem mais necessita no momento. Não é ainda mais incrível???

Mas o que mais me chamou a atenção foi o quanto a humanidade se espiritualizou. Quantos ateus pedindo a Deus que os ajudasse nesses tempos de pandemia. E eu achei isso bom demais. Mostrou a todos que na hora do aperto somente a espiritualidade pode trazer essa calma aos corações de todos nós.

No fundo, no fundo eu acho que 2020 veio nos trazer um grande alerta. Além, claro, de ser o ano em que completo 52 anos. Este ano surgiu como uma espécie de mensageiro para tudo o que ainda há de vir. E que possamos todos nós vibrarmos muita luz e amor para que as alvíssaras sejam amenas.

Como um taurino esperançoso eu quero acreditar que tenhamos todos nós mudado um pouquinho. Que sejam 10% de mudança. Já é um bom começo. E esse texto que era para comemorar meu aniversário virou uma ode à pandemia.

Quanto álcool gel, quantas máscaras nas faces aparecendo no Face nosso de cada dia. Eu apenas desejo que em 2021 eu ainda esteja por aqui, escrevendo um novo texto aos meus leitores e amigos sobre a nova idade – 53 anos – e, ao mesmo tempo, pensando na comemoração que virá ao lado dos que tanto amo.

Com muita comida, bebida, risos, música, presentes e um grande bolo de aniversário para que, juntos, possamos cantar o “Parabéns pra você”. É o meu desejo. É o desejo que lanço ao universo para que tudo isso passe, que as pessoas não sofram mais. Que o mundo se harmonize e a solidariedade entre todos os povos se estabeleça.

Eu disse que era um taurino esperançoso, não disse?

Enquanto isso, vou colocar a minha máscara com o sorriso do Coringa e seguir minha vida, lavando as minhas mãos em todos os momentos, e #ficandoemcasa, curtindo a “lai-vi” dos amigos e sonhando com um mundo infinitamente melhor.

Feliz 52 anos para mim!



Márcio Martelli

Escritor e Editor

Jundiaí - SP

Resposta

Márcio, em plena crise
está desperto um sonho antigo;
somos um Van Gogh ébrio num devaneio lírico
construindo o abrigo largo e generoso da arte
mergulhando juntos nas ondas irrequietas
de uma página em branco

Seu gosto imprescindível de taurino
dançará a música de todos os ritmos
celebrando a amizade
entre taças e garrafas de vinho
ao redor do prato que reina sobre a mesa
em dezenas de livros escritos ao longo do caminho...



Ana Cláudia Rêgo

Professora e Escritora
Jundiaí - SP



Luca Bassani

Escritor

Munique - Alemanha

Soneto à insônia

Nas horas de insônia a madrugada se consome
Entre fórmulas e mapas na mente ecoa sempre um nome
Euforia vendida em comprimidos é o novo milagre do homem
Mas a dose de solidão é dada aos montes aos que não dormem

Os descaminhos do pensamento se tornam inconsistentes
As ilusões de uma mente deslocada criam inconvenientes
Perdidos em eternos dilemas temporais e arrependimentos subsequentes
As ideias deixam o corpo levadas pelos ventos do oriente

Caminhar sozinho pela rua
É ter como única amiga a lua
Que jamais nega a verdade crua

Contemplar os céus é sentir-se pequenino
É abrir mão do racional e aceitar o divino
Sonhos de um idoso num corpo de menino...



Evandro Fernandes da Silva

Bacharel em Direito e Escritor

Jundiaí - SP

Percorrer

Refazer o caminho já percorrido
É como ler um livro já lido
Onde descobriremos parágrafos
mal interpretados ou ignorados
A história mesmo sabida, terá um
novo olhar e sentido
Esses somos nós, refazendo a
velha e boa história
Tocando os pés e as mãos nos
rios que nunca são os mesmos
devido à erosão pelo tempo
modificando suas margens,
seus desvios, apesar de
serem os mesmos os seus afluentes
a alimentá-lo da abundância das
águas dos mananciais
Mas é na estiagem que o rio se renova,
e sem fluxo da água corre em silêncio,
teimoso, perseverante.
Assim somos nós, nos renovando, de
tempos em tempos; nos reinventando,
para não definharmos e desaparecermos.
Acreditando sempre ter algo melhor
à nossa frente, como o rio que segue,
bravio, inocente, mas, impávido, viril,
e esperançoso, pela chegada das monções
que hão de vir.



Susana Ferretti

Advogada e Escritora
Jundiaí - SP

Em silêncio

O silêncio me chama
E encanta
Em meio do que não mais é.
Em ondas de imaginário mar,
Ao sabor de perfumado vento
Permanece inabalável
E cético diante do novo.
Não há mais portos seguros,
Coisas conhecidas,
Certezas inabaláveis,
Tudo está mudado.
Mas fica o silêncio
A construir um outro modo.
E, por ora, a quietude se estabelece
Como necessária cautela,
Ante abalos diários,
Cabê silêncio
Para ouvir o respirar,
Embalar o próprio canto,
Prestar atenção ao mínimo,
Reconstruir, a portas fechadas,
As crenças, propósitos e caminhos.
Por ora, em silêncio,
Ouço as primeiras palavras que brotam
E permaneço, quieta,
A rascunhar sentimento.

*Foto: Noite nos Alpes sob o céu estrelado
e os majestosos penhascos
rochosos nos Alpes italianos*



Josyanne Rita de Arruda Franco

Médica e Escritora

Jundiaí - SP

Maresia

É preciso navegar!
Correr em busca de mundos marinhos,
cruzar saveiros no manto azulado.
Qual cisne branco num lago dourado
altivo e manso, eterno reinado...

É preciso navegar!
Na paz salgada de ilhas e margens
observar, em toda paisagem,
o brilho infindo das coisas
que nos traduzem liberdade.

É preciso navegar!
Sem ancoras, amarras ou porto seguro.
Presente, passado, quem sabe futuro...
Destino: sonho, ilusão de momento.
Tremor de vela ao capricho do vento...

E vai e volta e fica... um dia.
Nas ondas que quebram... sal e maresia
Amor... passagem... eterna magia.
É preciso navegar!

Daquele sorriso

Gosto daquele sorriso
Sorriso maroto
De canto de boca
De meia boca
Daquele que gargalha
Daquele meio sem jeito
Do sorriso perfeito
Do que se abre em linha reta
Do que se abre como um coração
Do sorriso curtinho
Do sorriso de longa duração
Do sorriso discreto
Do sorriso safado
Do sorriso nos olhos
Do sorriso que deu de ombros
Do sorriso silencioso
Do sorriso que sai em soluços
Do sorriso que se acaba em choro
Do sorriso desenhado e pintado
Do sorriso que sai cantado
Do sorriso que sai desafinado
Do sorriso recitado
Do sorriso sonhado

Do sorriso muito bem acabado
Do sorriso atrevido
Do sorriso amarelo
Do sorriso que desmonta uma carranca
Do sorriso de uma criança
Do sorriso que esboça ao menos uma esperança
Do sorriso que vem seguido de uma lembrança
Do sorriso com sabor de pasta de dentes
Do sorriso de toda e qualquer gente
Do sorriso que venha
Sem máscara
Sem nenhuma farsa
Que não disfarça
Que o único jeito nessa vida
É sorrir
Para ser
FELIZ

Ivonete Piccinato de Freitas

Advogada e Escritora
São Paulo - SP



Cartas de amor

O desespero era mais forte que qualquer outro sentimento. O amor, agora, não era o que ditava a sua vida, conforme sempre dizia. Nesse instante o que lhe rege é o desespero de ser desprezada e a angústia de nunca ter representado nada na vida do amante.

Talvez por isso tivesse arriscado sua vida para ir tão longe, num bairro desgraçado e repleto de perigos, lugar de gente desvalida e suja, bandidos e prostitutas... e da melhor cartomante da cidade.

Já havia escutado maravilhas de Dona Cida, ela é porreta, acerta tudo, dá datas, pode acreditar: pode escrever o que ela diz, acontece mesmo! Mas hoje, tudo o que ela queria ouvir era que o homem por quem abdicou tanta coisa na vida ainda lhe amava (se é que algum dia a houvesse amado!). A angústia do amor negado hoje é a tônica de sua existência.

A casa onde Dona Cida fazia suas consultas espirituais a um baralho de tarô era a mais arrumada da rua, mas cercada por barracos feitos de lâminas de zinco e pedaços de madeira. A casa, de alvenaria, tinha uma plaquinha com uma escrita deplorável: lesse taro. Mas o que menos importava no momento era o gritante erro gramatical.

A casa tinha um cômodo preparado para as consultas, uma sala claustrofóbica, repleta de imagens de tudo quanto era santo ou ícone religioso... Nossa Senhora Aparecida ao lado de um preto velho, uma imagem de Buda e até um Ganesha pintado em um quadro na parede. Ao lado disso tudo, o conhecidíssimo retrato de Che Guevara.



Alessandra Cristina Rodrigues Pezzato

(in memoriam)

Educadora e Escritora

Jundiaí - SP

Dona Cida era uma senhora de certa idade, parecia ter mais de 70 anos, cabelos enrolados em um coque formal, como que feito para ir a um baile. O rosto mostrava as marcas da idade, sulcos profundos de uma vida sem conforto. Nos dedos nodosos, encarquilhados pela artrose, um maço de cartas de tarô; a mesinha onde as cartas seriam espalhadas tinha uma vela branca, acesa, e um copo com água.

Quer me dizer por que está aqui?, indagou Dona Cida. A moça, assustada, porém ansiosa pelo que as cartas iriam dizer, preferiu apenas dizer que buscava uma resposta para um dilema pessoal.

Dona Cida, que não é boba nem nada, e que estava cansada de atender essas garotas deslumbradas pelo primeiro par de botas visto, já sabia muito bem o que uma moça fina, de carro novo, vinha fazer em seu modesto consultório espiritual. Cortou o maço de cartas já gastas pelo uso, tempo e falta de cuidados e pediu para que a consulente tirasse dele cinco cartas.

A moça, que se chama Elisa – e que até agora não foi apresentada porque seu nome é infinitamente menos importante que o sofrimento amoroso que traz em seu peito – tirou com a mão esquerda as cinco cartas que iriam selar o seu destino e as colocou na mesa, viradas para baixo, esperando por uma interpretação.

Dona Cida habilmente virou carta por carta e, conforme cada uma ia se apresentando, seu semblante mudava; ora sorria, ora fazia cara de preocupada, ora soltava um ahhhhhhh! maroto, sempre observando a reação sua cliente desesperada.

Alterando sua voz de um timbre calmo para um rouco assustador, a cartomante pôs-se a interpretar cada uma das cinco cartas dispostas na mesa.

Menina, menina, olha só quem é que saiu nas suas cartas: o Rei de Ouros... é aquele por quem você veio até aqui, né? Olha bem, é um homem mais velho, muito bem sucedido na vida... É empresário, não? Ah, é sim... um empresário muito rico. Olha só quanto ouro está na mão dele, menina. É um homem forte, poderoso. Muuuuuuito poderoso!

Ao lado dele está uma Rainha de Espadas. Mulher forte, nada lhe abate. Ih, menina, essa aqui é a esposa dele. Ahn... ele é casado! Bem que eu desconfiava. Um Rei de Ouros solteiro, nessa carestia de homem no mundo, difícil de acontecer. Bem, essa mulher aí é um osso duro de roer, nada abala essa mulher. Forte, gênio forte, pode até saber que ele ama outra... sim, menina, ele ama outra, e ela deve saber, mas não está nem aí, está mais preocupada com a família e o status, sabe? Não quer ser uma mulher divorciada, quer manter as aparências acima de tudo.

Olha aqui do ladinho dos dois, quem é que está: A Rainha de Paus.... Olha, é você, meu bem! Olha que moça linda está retratada aqui. Ela é muito fiel, essa rainha aqui faria qualquer coisa pelo homem amado, até mesmo esperar anos até que ele possa ficar com ela. Sim, querida, é você, esperando pacientemente, que seu Rei de Ouros tome uma decisão.

Agora vamos ver o que as outras duas cartas dizem sobre vocês três. Oh... o Diabo. Bem, isso não é tão ruim, apenas mostra que vocês tem um amor que não pode ser mostrado, por motivos morais, porque é um amor proibido por qualquer motivo, no caso é porque ele é casado, não é não? Ou será que ele tem alguma outra tara que você não quer contar??? Ah, menina, precisa tomar cuidado com esses homens mais velhos, eles são uma loucura para as mocinhas. Usam e abusam delas, depois as descartam, já saciados.

Bem, mas não é seu caso. O seu Rei de Ouros tem tudo a ver com você, ele está apaixonadíssimo, esperando a melhor oportunidade para voltar. Fique tranquila.

Vamos ver agora a última carta: O Mundo. Que carta, linda! Que carta linda! Ah, querida, essa carta representa todas as coisas boas que alguém poderia querer. Ela é ótima, quer dizer que você anda na fase de realizações, em todos os sentidos. Ele vai voltar, você vai ver, ele vai voltar.

E agora, você vai retirar uma última carta, que vai trazer uma mensagem para os seus problemas. Vamos lá, com a mão esquerda, concentre-se e tire uma carta do monte: Isso... vamos ver... A Torre. Ahn... bem, o que eu posso dizer dessa carta, ela é boa ou ruim, ela sempre quer dizer que algo vai acabar. Mas

eu posso lhe assegurar, o casamento dele está por um fio, está tudo desabando, olha lá, o prédio ruindo, é o rompimento de estruturas que não podem mais existir, como esse casamento de aparências dele, não é?

Bem, minha filha, estou muito contente de ter lido as cartas pra você. Elas não mentem, você sabe. Ele vai ligar dizendo que vai ser só seu. Escuta o que eu estou falando... Me dê os cinquenta reais pela consulta e vá com Deus; tudo vai dar certo!

Elisa sai da casa simples com um sorriso estampado no rosto. Ele realmente a amava e o casamento de aparências estava por um fio. Nunca estivera tão feliz em sua vida! Valeu cada centavo pago à Dona Cida e tinha certeza de que as coisas agora iriam mudar, e o amor cada vez mais crescente e aprisionante ao qual estava ligada poderia ser vivido com toda a intensidade.



Jefferson Dieckmann

Advogado e Escritor
Curitiba - PR

Eterno ()*

Do éter, ainda posso sentir
Tua presença, teu perfume
Sensações que não cessam
Ahh, se o agora fosse ontem

Remanescer...

A madrugada retrata, desencava, revela; relembra as horas, os dias, a vida.
Sorrisos, mágoas, lágrimas, o passado.
A madrugada é amiga.
As memórias, injustas.
Reminiscências, resquícios, desesperanças.
O firmamento, as dores encobre.
Que tarde o amanhecer...

Luar

Noite de lua, mar refletido
nos olhos úmidos d'uma esperança.

Noite serena e o brilho antigo
de estrelas múltiplas nessa faiança.

Noite celeste, trilha e esteira
de brilho ungiendo o céu do agreste.

Vai viajando pelo infinito
a alma pura que me reveste.

Noite de rua, mar pranteado
da dor-saudade que vai com o vento...

Noite de chuva, luz comovida
em cada poça desse tormento.

Vem navegar, lua serena
e traz contigo a tez da bonança!

Mar de suplícios morre com o tempo
quando navega a nau da lembrança...



Josyanne Rita de Arruda Franco

Médica e Escritora
Jundiaí - SP

Noite dos mascarados

Estamos em São Paulo no período de Carnaval, nos anos 1960, onde a cena musical era dominada pelas marchinhas com letras curtas e pobres, mas cuja melodia contagiava os foliões, muito embora vez por outra surgissem raras pérolas musicais, tais como Máscara Negra de Zé Ketti e Pereira Matos ou Noite dos Mascarados de Chico Buarque de Holanda.

Havia poucas manifestações de rua, tais como o desfile de carros alegóricos na Vila Esperança e o das escolas de samba na Avenida São João. As maiores atrações para os carnavalescos eram os bailes espalhados pela cidade, realizados em salões dos mais diversos níveis, desde os clubes da elite paulistana até as mais humildes agremiações esportivas e sociais da periferia.

Tendo em vista que a festa antecede a quaresma, tempo em que os católicos pregam a introspecção e a moderação dos costumes, aliadas ao jejum e à abstinência da carne, preceitos esses que eram cumpridos pela maioria naqueles tempos, os dias dedicados a Sua Majestade o Rei Momo, primeiro e único, constituíam-se no cenário ideal para toda a sorte de bandalheiras e por isso também as boates promoviam as suas festas carnavalescas na grande área situada no entorno da Rua Aurora, na região central da capital

paulistana, onde estava concentrado o meretrício, que tanto era praticado nas casas mais sofisticadas da Boca do Luxo (proximidades da Vila Buarque), quanto nas mais simples da Boca do Lixo (proximidades da Luz).

Alcides Teixeira, funcionário da Secretaria Estadual da Saúde, era casado há vinte e cinco anos com Mafalda Ciotti, de prendas domésticas. O casal tinha apenas uma filha, Lúcia Maria, solteira, que aos 22 anos de idade trabalhava como vendedora numa loja de roupas na Rua José Paulino e morava na casa dos pais.

Na maior parte do ano Alcides era um pacato chefe de seção, cuja vida se resumia ao trabalho e à convivência com a família. Entretanto, no Carnaval ele se transformava e aproveitava a festa desde o entardecer da sexta-feira, tão logo terminava seu expediente na repartição pública, até o limiar da quarta-feira de cinzas, quando deveria voltar ao trabalho a partir do meio-dia. Mafalda o acompanhou durante alguns poucos anos, mas com o passar do tempo foi se afastando da folia carnavalesca devido à mudança de crença, pois deixou de ser católica para ingressar numa comunidade evangélica que aproveitava o período para promover retiros espirituais e cultos em

tempo integral. A filha do casal tão logo se tornou uma bela mulher passou a economizar durante o ano todo a fim de juntar dinheiro suficiente para viajar com as amigas aproveitando o grande feriado.

Fevereiro havia chegado mais uma vez e o cenário se afigurava o mesmo. Na sexta-feira, pouco depois das 17 horas, Mafalda embarcou num ônibus fretado pelo Pastor Matias e com mais 40 integrantes da congregação dirigiu-se para um sítio em São Lourenço da Serra, onde o grupo participaria de várias atividades religiosas que somente findariam na tarde da terça-feira. Lúcia Maria despediu-se dos pais antes de sair para o trabalho na manhã de sexta-feira e avisou que ao término do expediente iria diretamente para a estação rodoviária, onde se encontraria com Paulina, Ana Helena e Rosemeire para embarcarem com destino a Caraguatatuba com retorno a São Paulo previsto para a noite da terça-feira.

Assim tudo conspirou em favor de Alcides, que sequer se preocupou em retornar para casa ao encerrar a jornada de trabalho do último dia útil antes da farrá. Nos dias anteriores ele já havia se preparado metodicamente para a esbórnia, aproveitando que a Secretaria da Saúde estava localizada nas proximidades da região que os jornais sensacionalistas chamavam de Quadrilátero do Pecado, pois reservara um quarto num hotelzinho fuleiro na Rua Conselheiro Nébias, comprara uma fantasia de marinheiro no Mappin da Praça Ramos de Azevedo, assim como material de hi-

giene, um par de cuecas, uma camisa florida e vários pacotes de Continental sem filtro, sua marca favorita de cigarros.

Saiu do trabalho, comeu um sanduíche e bebeu um chope na Salada Paulista na Avenida Ipiranga e foi para o hotel. Tomou um banho, deitou-se e antes de adormecer ligou para a portaria e pediu que o acordassem às 22 horas.

A partir de então sua rotina ficou dividida entre as festas de arromba realizadas nos inferninhos da redondeza e a cama do hotel, para onde invariavelmente ele arrastava alguma dama da noite encontrada na boate. Enfim: música, bebida, cigarro e sexo, tudo ao mesmo tempo e misturado.

Porém, a grande atração estava prevista para a última noite. A boate Chez Monique, na Rua Major Sertório, iria promover a sensacional Noite dos Mascarados, que começaria às 23 horas, mas não teria hora para acabar. Antes de adentrar o recinto o cliente deveria colocar a máscara fornecida pela direção da casa, que lhe cobria todo o rosto, deixando livres apenas os espaços para os olhos, o nariz e a boca. Lá dentro as garotas da boate, tanto as que circulavam entre as mesas, quanto as que se despiam em cima do pequeno palco, também usavam o adereço, de mesma forma que os garçons, os músicos da pequena orquestra e até os parrudos seguranças.

O ponto alto da festa aconteceu por volta da uma hora da manhã. Apagaram-se todas as luzes, com

exceção de um spot que permaneceu aceso na direção do palco. Sob o rufar da bateria surgiu em cena a Dama Misteriosa, que vestia um sumário biquíni e cujo rosto estava coberto por um capuz negro. Teve início então um animado e disputadíssimo leilão, onde o vencedor teria o direito a levar a Dama Misteriosa até uma suíte já devidamente preparada nos fundos da boate, onde seriam retirados o capuz e a máscara e o casal poderia ficar junto até o dia amanhecer.

Alcides estava tresloucado e não poupou esforços, nem dinheiro, chegando ao ponto de comprometer parte de sua reserva financeira, mas afinal tornou-se o vencedor do leilão. Foi abordado pelo gerente da casa, assinou um cheque relativo ao lance vitorioso e foi conduzido à suíte onde a Dama Misteriosa o aguardava.

Tomado pela ansiedade e pela excitação pareceu-lhe que a voz da moça era familiar, mas creditou a

sensação ao uísque falsificado vendido pela boate. A moça então comandou a contagem regressiva para que ambos retirassem máscara e capuz ao mesmo tempo:

Três, dois, um, já!

Papai!

Lúcia Maria!

Fica ciente o leitor de que não houve sexo, nem poderia haver. Pai e filha viram que um não poderia censurar o outro. Combinaram que ambos fingiriam que nada havia acontecido e obviamente o caso não seria relatado a Mafalda.

Lúcia Maria ingressou na congregação que a mãe frequentava e nunca mais brincou o Carnaval.

Alcides ficou tão abalado com o episódio que foi precocemente aposentado por invalidez e terminou seus dias no Manicômio do Juqueri.



Aristeu de Campos Filho

Advogado e Escritor
Vinhedo - SP

Mar revoltto

nesse meu mar revoltto,
onde tantos navegaram
mastro em riste
desbravando tempestades
até que alguns partissem
outros poucos se afogassem
restam marolas mansas
sobreviventes e quase sem ar
espuma morta em descanso
embalando memórias



@Thaty Marcondes

Escritora

Jundiaí - SP

histórias de alto mar

Eugênio

Um menino olha o mundo, ele não era rico, mas também não era pobre, ele não era mais criança, mas também não era adolescente, estava na fase de transição.

O seu nome? Era Eugênio! E apesar da piada com seu nome “eu gênio”, ele não se considerava um gênio, mas sim um pensador.

- Mãe o shopping está sempre cheio de pessoas?

- Sim, Eugênio, tem muitas lojas aqui, as pessoas vêm comprar, lancha, passear, por isso é sempre cheio.

- Mas só tem gente bem vestida, não tem pobre aqui?

- Claro que tem filho, pobre também tem roupa boa.

- Mas mãe, eu vi na escola que tem gente que não tem nem comida, e eu já vi na rua gente pedindo dinheiro, esses pobres que eu estou falando, não tem aqui, né?

- É verdade, estes não vêm ao shopping, porque não tem dinheiro para comprar.

- E porque eles não têm dinheiro?

- Porque eles não têm emprego, sem emprego eles não recebem dinheiro, e sem dinheiro eles não conseguem comprar.

- E quando eles tiverem emprego eles vão poder vir ao shopping?

- Daí, sim, eles vão ter dinheiro e vão poder comprar.

- E porque eles não têm emprego?

- Bom, eles não têm emprego porque não estudaram, é por isso que eu falo para você estudar Eugênio.

- E eu estudo mãe, mas porque eles não estudaram? A mãe deles não falava isso para eles?

- A mãe dele provavelmente não estudou também e por isso não incentivou eles, e daí eles não estudaram.

- Mas, se é assim, eles nunca vão conseguir ter emprego, e os filhos deles também não vão conseguir, porque eles não estudaram e não vão falar para os filhos estudarem também, e daí eles não vão arrumar emprego, não vão ter dinheiro e não vão vir para o shopping.

- Você entendeu, tá vendo?

- Mas não é justo mãe.

- A vida não é justa Eugênio, é triste, mas é a verdade.

- É triste sim, deveria ser justa, e se nós formos contar para eles essa história, será que eles não iriam estudar?

- Bem, é mais complicado, muitos deles querem estudar, mas não têm escola, não têm dinheiro para comprar material, e daí não conseguem estudar.

- Mas mãe, na minha escola tem classe vazia, dava para eles estudarem lá.

- Tua escola é cara filho, eles não têm dinheiro para pagar a escola

- Claro que não tem dinheiro mãe, os pais deles não estudaram e não tem emprego, e daí não tem di-

nheiro para pagar a escola. Eles nunca vão conseguir estudar e melhorar.

- Filho, o governo tem escolas gratuitas, eles podem ir para estas escolas.

- Então o governo vai até eles e faz o papel dos pais e fala para eles estudarem?

- Sim, é função do governo.

- Então o governo manda alguém na casa deles todo dia para buscar eles para ir para escola, ver se eles fizeram as lições e ajudar a estudar para prova, que nem a senhora faz comigo, né?

- Não, filho, o governo faz propaganda dizendo que eles têm que ir para escola e faz leis obrigando todas as crianças a estudarem.

- Mas mãe, eles são pobres, não vão ficar sabendo, isso não funciona.

- Verdade, Eugênio, você tem razão.

- E o que vamos fazer mãe?

- Nós?

- Sim, não podemos deixar assim, alguém tem que avisar o governo para eles melhorarem isso, ou a gente tem que ir na casa dos pobres e ajudar eles a se lembrarem.

- Filho, muitos não querem nossa ajuda, e é perigoso para nós ir na casa dos pobres, pode ter bandido lá, e podemos ser assaltados.

- Mas mãe, eles são pobres, o que os bandidos vão fazer lá? Eles não têm nada para ser roubado.

- Bom, é que muitos pobres, por não terem dinheiro, se tornam bandidos para conseguir dinheiro.

- Então pobre é bandido?

- Nem todos, filho, mas tem alguns que são.

- Então, a senhora está me dizendo que a falta de estudo não deixa eles arrumarem trabalho, sem trabalho eles ficam sem dinheiro e não podem comprar as coisas que precisam e que por este motivo temos bandidos?

- Em resumo, é isso.

- Isso é urgente mãe, devíamos ter escolas e professores perto dos pobres, com a polícia junto, assim eles iam ensinar a todos e isso vai acabar, porque ninguém faz nada?

- Meu pequeno gênio Eugênio, você é apenas uma criança, mas já sabe o que deveria ser feito, infelizmente as coisas sempre são mais complicadas do que parecem e nem todos estão dispostos a ajudar e resolver estas situações, por isso não fazem isso com a urgência que deveriam.

- Mamãe, quando eu crescer eu vou ajudar a mudar isso! Eu vou ser professor para os pobres, vou ajudar a descomplicar isso.

- Estou orgulhosa de você Eugênio! Vamos no McDonalds agora?



Fábio Spina

Escritor

Jundiaí - SP

Navegar é preciso, viver não é preciso



Marilzes Petroni

Artista Plástica e Escritora
Jundiaí - SP

Navegar é preciso, mesmo em águas calmas, onde tudo é previsível e suprime qualquer superação. Navegar em águas tranquilas é para os acomodados e fracos em imaginação.

Navegar na turbulência é preciso ter garra e lucidez para vencer vagalhões, saber emergir e submergir com desenvoltura e precisão.

Navegar nas adversidades para que os desafios sejam vencidos exige capacidade. Quando se navega no imprevisível se testa a força inerente em cada ser e a vitória é a prova que se pode ser invencível, mesmo que o navegar seja preciso.

No viver não é preciso ter dor, tristeza, angústia, ansiedade.

A dor suprime da alma o desejo de se lançar em voos belos e surpreendente.

A tristeza não consola, apenas cega para as belezas que se apresentam.

A angústia asfixia não permitindo vislumbrar o futuro e realizar sonhos.

A ansiedade escurece o presente sem permitir ver a luz no fim do túnel.

Quando se entende que o navegar é preciso e o viver nunca será preciso se pode driblar quaisquer intempéries.

Somente as experiências fornecem as manobras para se navegar e a resiliência para viver.

Vórtice

No meio do som, vertigem
rápida, sensação de voo.
Breve alucinação de pouso...
Ampla magnitude livre.

Onde ficará o centro?
Como vou parar o tempo?
Vejo turbilhão de nuvens...
Plano sobre a luz de um templo.

Rompe nova aurora plena
em nuances de laranja.
Mais uma viagem insone!
Raios atingindo ondas...



Josyane Rita de Arruda Franco

Médica e Escritora
Jundiaí - SP



Desesperança...

Eu te tive
Sem te ter
Tu me tiveste
Sem merecer
Hoje, só
Repatrio sonhos
Arrebanho lembranças
Aparto a indiferença
Barcos singram o mar
Falsas rotas a seguir
Lágrimas a correr
Olhos a fechar
De ti, só o vulto
Do mar, além do sal
Ondas de descrença...



Jefferson Dieckmann

Advogado e Escritor

Curitiba - PR

Preciso

Sinto o dia passar rápido...

No mar da vida...

O meu barco é de um naufrago...

Na caminhada em lida...

Tantos vêm e vão...

E nem todos podem...

Estender a mão...

Com o que têm...

Nas luzes das ruas...

Os passos são de todos...

Mas as escolhas são suas...

Sempre de tolos...

A dor é profunda...

Embaraça o peito...

O sorriso afunda...

Dentro de um triste leito...

Na vida é assim...

Vive-se no lixo...

Sonhando com o jardim...

No terror fixo...

Terror da rua...

Dor na alma...

Na carne crua...

Que não se acalma...

Preciso acreditar...

Que deste momento...

Posso ser bom marinheiro deste mar...

Mesmo sofrendo me reinvento...



**Michel Fabiano
Lourenço de Almeida**
Redator
Jarinu - SP

Em mim, o hoje

Perdemos grandes amores
que são lembrados com cheiro de flores.
Sinto saudade do abraço ao dormir
confortado pelo beijo rápido ao se despedir.
Você em mim, nos traços, nas palavras, nos desenhos em Unipin.
Corpos que se unificam pelo amor,
que contra vontade são separados pela dor.

Tudo na vida precisa de
tempo para descansar e crescer.

Hoje dentro de mim, habita um novo ser.
Moldado de cicatriz, envernizado de gratidão
que carrega o amor pela vida,
que transmite luz esperando uma união.
Grata pela vida, mergulho no silêncio do amor.
Entrego meu coração para você seja como for!



Evelyn de Assis
Professora e Escritora
Jundiaí - SP



A arca de Noé está na nossa casa

E “Navegar é preciso”, viver é aprendido

A proliferação de “pet shops” e o sucesso de documentários na TV retratando o que acontece com animais, mostra que está havendo um movimento de aproximação com os bichos. E foi-se o tempo de cuidar do cão com angu de fubá, ossos desprezados no açougue ou restos de refeição, eles agora têm ração balanceada, salão de beleza e até plano de saúde.

E os documentários sobre a vida selvagem, não são mais feitos com câmeras escondidas, os caras vão a extremos no contato com animais selvagens, alguns até sucumbem na ânsia de mostrarem-se íntimos.

O entretenimento com animais é agregador, agrada toda a família – diz um diretor de TV do programa *Animal Planet*, que tem um BBB sobre o dia-a-dia de uma família de ursos pandas (Pandamônio).

Esta visão – da aproximação com os animais – pode ter o significado de uma tentativa de minimizar a solidão do mundo virtual moderno, talvez a busca de um diálogo sincero olho no olho, talvez a necessidade de cuidar e proteger, e – por que não?! - aprender com cães, gatos, passarinhos, peixinhos, as coisas simples de uma boa convivência.

E aí chega o COVID-19, que transforma nossas casas numa moderna “arca de Noé”: familiares e animais de estimação em convívio direto, 24 horas por dia, 7 dias por semana, etc., deixando do lado de fora

os políticos, a poluição no trânsito, a condução ruim, os chefes chatos, os colegas puxa-sacos, as provas escolares, etc. Com que objetivo?! Proteção à saúde apenas?!... A internet já está cheia de listas de benefícios e mudanças provocadas pelo COVID-19 e não haveria espaço suficiente por aqui, para reproduzi-las. Nem necessidade. Cada um que identifique a sua preferida e a abrace.

Enfim, a “arca de Noé” está montada aí na sua casa, portas fechadas, mantendo os motoboys invasores à distância com álcool em gel em punho, olho no olho diário com gente amistosa, só entes queridos e bichos de confiança, tempo ilimitado para tudo que antes era impossível conciliar. Um ambiente divinamente preparado para reflexão, troca de aprendizado e de ensinamentos. Não sei das teorias fundamentais da logística, mas imagino que essa organização de tempo e espaço provocada pelo vírus tem a qualidade de uma engenhosidade suprema, em logística e outras tantas matérias.

Se quiser – e acho interessante – pesquise sobre a “arca de Noé” e descubra mensagens do tipo não deixe passar oportunidades, seja proativo, valorize os relacionamentos e as coisas simples.

Mas, enquanto a sua “arca” navega no piloto automático - protegida por uma legião de heróicos e desvalorizados profissionais de saúde - pare de ler este

texto e olhe a sua volta. Avalie cada “navegante” um a um. Talvez consiga “ouvir” de onde menos espera bons motivos para reflexão:

- “Relaxa, amigo. Com pouca coisa é possível ser feliz: comida no pote, água fresca, coisas para morde, tempo para brincar, um tapete para relaxar, presença de pessoas legais. Não é suficiente?... Deite-se para acompanhar tudo só movimentando os olhos, suspire fundo, e se puder, com o focinho alinhado ao chão... Mas não precisa tanto, de vez em quando levante-se, chegue perto das pessoas que gosta. Bem perto. Quem sabe ganha uma lambida, um carinho?!”
- Não deixe o mau humor chegar. Fale comigo uma coisa engraçada como se fosse um bebê. Balance o rabo para demonstrar seu amor, carinho, admiração. Dê uma lambida na gente. Não tenha vergonha de ser ridículo. Nós vamos amar.
- Com sua paciência fiquei mais educado, menos destruidor, mais calmo. Olhe pra mim agora. Pratique. Pode ficar bravo comigo, mas lembre que estamos testando sua paciência para que desenvolva essa virtude.
- Seja disciplinado, respeite a hora da ração, faça xixi, cocô e vomite no lugar certo, tire um tempo pra você, pra gente, não fique o tempo todo na internet.

- Quando o estresse chegar e você nos ignorar, nos afastar, lembre que é só dar um sinal, um olhar amistoso, uma balançada de rabo e todos estaremos dispostos a lhe dar uma lambida”.

Muitas vezes nos esquecemos dessa simplicidade da vida e complicamos. Então, comecei pretendendo dar voz a um simples animal doméstico e, não por acaso, um vírus (também um ser vivo, talvez outra categoria animal) veio tornar possível o ambiente propício para obrigar-nos a rever valores e conceitos, de forma que possamos começar em casa a mudança que pretendemos para fora dela, ao desembarcarmos da “arca”.

Como nossa “arca de Noé” precisa navegar, reforço minha mensagem com a declaração do insuperável Fernando Pessoa: “Cada vez mais ponho da essência anímica do meu sangue o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir para a evolução da humanidade”.



Roberto de Carvalho Vivas

Narrador visual, aposentado e avô

Rio das Ostras - RJ

A hipérbole da inferioridade imaginada

Pensei que demoraria tempos a superar a metáfora do estojo. Mas, a vida nos coloca de sentinela a observar o inesperado. O sol, já divisor entre manhã e tarde. Gritos de desespero invadiram o lugar de refúgio. Passos firmes e velozes, em meio a olhares perdidos, solicitam a presença imediata do que se imagina autoridade.

Numa ideia aumentada do autêntico, o invólucro foi encontrado, tomado pela ternura consistente. Entre mesas e cadeiras, livros espalhados pelo chão, à proximidade da parede, a preceptora estava enquanto sumidade a conter a cólera ali presente.

Tomado pela inferioridade imaginada, num pedido de socorro, manifestou seu desespero. O menino que já transcorreu por dezenas de educandários, parece não compreender a necessidade da relação interpessoal, por mais que seja insistido. Pelo corpo, marcas de autoflagelação, extrapolam o que não se contém.

De maneira enfática, a professora assistida por seus gestores conduz a situação apoiada pelo agente que opera. Sensibilizados, dotados da experiência vivida, no direcionamento dos fatos, esses fizeram a diferença.

Após horas de convencimento de que é necessário deixar-se amar, deixar-se cuidar, a mãe chega. Relata aos que o carregam pela mão o menosprezo sofrido, o abandono afetivo, a resistência persistida. Os muros da realidade o impedem de enxergar. O tom de pele, a condição social, as vestes, o vocabulário, o fino trato, tudo lhe salta aos olhos num pesar profundo.

Os dias sofríveis afogados por um dilúvio de lágrimas dão uma trégua. A rotina retomada mediante a compreensão dos colegas como se nada tivesse por ali passado, ameniza a angústia e fortalece os laços de confiança, de que tudo é resolvido com o tempo. Infelizmente, o nosso tempo é curto demais para as demandas apresentadas.

Aqui, não estamos em busca de argumentos para justificar o injustificável, mas no entendimento de que a realidade que se faz presente é cruel. Até quando a escola tentará amenizar o que progenitores não conseguem administrar? Não é possível afirmar. O não entendimento assumido pela simplicidade, nos traz a certeza do investimento na pessoa humana. A escola realmente é o lugar de refúgio.



**Profª Camila Fernandes
de Freitas Rosalem**

Diretora de Fomento à Leitura e à Literatura
Jundiaí - SP

Eu e meu dna

Recentemente, me veio uma vontade louca de saber de onde vim, quem eram meus antepassados, por onde andaram. Como vim parar aqui neste milênio e neste ser quem me tornei?

Será que tiveram que lutar com animais? Tiveram muitas lutas e doenças? Enfim, eram tantas dúvidas e conjecturas que eu acreditava que poderiam ser respondidas se eu efetuasse meu DNA. Tive sorte de comentar isso com um companheiro de viagem. Ele gentilmente deu as coordenadas para meu marido. Ele havia feito o teste e recomendou a mim que o fizesse. Assim que chegamos da Turquia, a primeira coisa foi entrar em contato com o site que ele recomendou.

Depositei a quantia pedida. Tive que aguardar ansiosamente o kit que viria pelo correio. Demorou quase um mês. Achei que nem viria mais. Quando chegou, fiz o procedimento recomendado. E lá se foi pelo mundo afora, minha saliva recolhida.

Fiquei ansiosa no começo. Depois de aguardar quase um mês, resolvi relaxar. Desisti. Achei que era um golpe. Certo dia resolvi abrir meu e-mail. E lá estava meu belo e formoso DNA. Pronto para responder minhas inúmeras perguntas. Fazia 15 dias que estava lá esperando para que eu o visse. A emoção era tanta, que levei algum tempo para finalmente abrir o “dito cujo”.

- 31.3 % = Ibérica
- 24.0 % = Sardônia
- 23.6 % = Meso América e Andina

**Cacilda Franco
Ribeiro**
Escritora
Vinhedo - SP



- 11.4 % = Irlandesa, Escocesa e Galesa
- 9.7 % = diversas etnicidades talvez 5.

Aí, além do encantamento que me invadiu, fui tentando ver através do mapa antigo, onde meus antepassados estiveram. Só passando por isso é que podemos ver como é importante. Faz com que nosso coração e alma se alegrem!

Entre as diversas etnias, tive um por cento na Amazônia. Minha tataravó era índia. Amo comida da Amazônia, florestas e rios são minhas paixões. Da Ibérica, herdei o gosto por peixes e pescados. Da Sardônia, herdei o gosto por queijos. Da Meso América Andina, herdei o gosto por milho, batatas em geral.

Das outras etnias, tive a sorte de gostar de todos os alimentos, não rejeito nenhum. Me chamam de *hot rooter* na família. Agora em minha mente, passam-se vários filmes. Para chegar até minha pessoa, quanta luta, sofrimento e pragas pelo caminho? Será que foram felizes?

Doenças deviam ser um inferno, pois não tinham todo o conhecimento que hoje temos a sorte de possuir. As tecnologias – fomos à Lua – e os avanços da medicina que levaram milhares de anos para chegar até nós. O *Hubble*, meu pesquisador predileto, já nos

mostrou praticamente o Universo em cores. Eu o reve-rencio com muito respeito e admiração.

Na Idade Média, por exemplo, a peste negra dizimou um terço da humanidade. Não importava se você era rei ou não. Vinham de todos os lugares hordas de pessoas fugindo da peste. Muitos tomavam o castelo, e usurpavam até o título nobre. Passavam então a ser o rei ou o nobre, no caso. Quem teria coragem de con-testar? Punham fogo em tudo, com os pertences e a família dentro, muitas vezes. Os brasões? Quem pode-ria provar que a eles não pertenciam? Quem se acha, hoje em dia, descendentes de nobres, pode provar? Aí, veio a peste de mil e quinhentos, que dizimou mais de cinquenta milhões de pessoas na Terra. Existe uma praga ainda hoje que transforma as pessoas em es-tátua viva. Ainda tem cinquenta pessoas vivas neste estado. Entrei nesse assunto, para me colocar no que estamos vivendo agora.

Nosso planeta está sendo limpo. Nosso povo está morrendo com esta praga nova. Estamos todos con-finados, o planeta inteiro. Para fugir de um minúsculo ser. Que se mostra mais forte do que nós todos.

Em pleno terceiro milênio, com todo nosso aparato em vários conhecimentos, ele está dando de dez a zero nos seres humanos.

A globalização nos permite saber *in loco*, quantas estão morrendo e quantas estão se salvando. Esse, digamos, conforto, eles não possuíam. Mesmo assim sobreviveram.

Este maldito 19, como eu o chamo, é devastador. Como chegou na tribo mais distante na nossa Ama-zônia? Temos que viver mascarados, como bandidos,

nós estamos presos, e os bandidos estão soltos. Está certo que já vi que em outras eras de vírus que tam-bém usavam máscaras.

A única coisa que me alegra, é que os rios e mares estão sendo limpos. As famílias convivem mais, temos tempo de olhar para dentro de nós com mais carinho. Sabemos que a qualquer hora nossa amiga final, pode nos vir buscar, sem nem ao menos podermos nos des-pedir de nossos entes queridos. E ninguém, ninguém mesmo, nos prestará qualquer homenagem. Nem velório teremos para que possam chorar por nós, de corpo presente.

Com as cidades sem transeuntes, até os animais estão passeando por nossas ruas. É inacreditável!

A solidariedade cresce a cada dia. Morrem enfer-meiros e médicos aos montes. Nossos prestadores de serviços básicos não pararam. Arriscam a vida para que preservemos as nossas ficando em casa. É uma contradição entre os governantes, que dá dor de ca-beça em qualquer um. Não sabemos se vamos ou se ficamos, uma loucura total. Ainda vem junto a tudo isso, a crise política.

Nem em toda história contada, que já li muitas, houve um tempo como este, que estamos vivendo agora no terceiro milênio.

Quero vir a público agradecer aos meus antepas-sados, que sei que já lutaram ferrenhamente para que eu, hoje, pudesse escrever aqui. Pena que não dá para contar milhares de anos em um conto só! Meus descendentes poderão saber o que passei.

Agora, neste momento, minhas filhas, netos e bis-netas já sofrem comigo este momento único!

“Passar é preciso” *(Santo Agostinho)*

Há um famoso e muito repetido verso do poeta português Fernando Pessoa que diz: ‘Navegar é preciso’. Santo Agostinho, muito tempo antes dele, falando da Páscoa – que é passagem –, dizia: “Passar é preciso”.

Estamos vivendo dias difíceis em função da pandemia do Coronavírus. Isolamento social, convivência restrita, comunicação via redes sociais e internet. Falta o principal, a convivência humana ampla e irrestrita que deve embasar nossos relacionamentos.

Sacrifício imenso. Condenados à prisão domiciliar, com um agravante: as pessoas nas condições de risco nem podem receber visitas e se tê-las, manter distância e usar máscaras. Triste realidade.

No entanto, essa longitude, por incrível que pareça, tem objetivo até altruísta, ou seja, de evitar contatos que possam propagar a moléstia. Parece incoerência, solidão por apoio e proteção ao próximo. E por isso, a superaremos com certeza.

Tudo voltará. Brevemente passarão para mim as saudades dos integrantes das Academias Jundiaieneses de Letras e de Letras Jurídicas; dos estudantes



nos dias de aula no Centro Universitário Padre Anchieta e dos encontros com professores; dos membros da confraria Amigos do Mercado liderada pelo José Antonio Lucena e pelo Ayrton Formis; do Ado Raul Chaves nos finais de semana na Casa do Pão de Queijo; dos meus irmãos José Eduardo e Maria Lúcia; dos irmãos da Ivone,

Beth, Regina, Sonia e Acácia; dos cunhados, dos sobrinhos e principalmente dos filhos, João Paulo, Karina e Felipe; das noras Juliana e Daiane; das netas Bellinha e Marina; dos amigos, dos passeios, das viagens, dos bares, dos restaurantes, de fotografar logo nas primeiras horas da manhã e de circular por lojas, supermercados e shoppings.

Passarão todas as sensações tristes propiciadas pelo retiro forçado, as lamentações às vezes difíceis de segurar e até pequenas manifestações angustiantes. A alegria dos encontros retornará.

Ficarão, no entanto, pelo menos em minha concepção, inúmeras lições, reflexões, muita gratidão aos que conviveram conosco no período, o amor há muito consolidado e agora ampliado pela Ivone, minha esposa; a

atenção permanente do Daniel, meu filho e sócio no escritório de advocacia; as constantes interações pelo Skype com os demais rebentos, a dedicação destes conosco e principalmente, demonstrações que a humanidade precisa mudar seus rumos e a forma de vida em comum. A solidariedade se apresenta como a principal modificação.

Realmente acredito que para todos se tornou relevante desenvolver uma convivência mais fraterna, mesmo porque a própria Constituição Federal do Brasil, dispõe ser um dos objetivos primordiais da República Federativa do Brasil no âmbito interno, “a construção de uma sociedade livre, justa e solidária”.

Assim, a inclusão social se mostra como a grande solução para uma situação tão desigual como a nossa. Por isso, não podemos mais apostar em atitudes meramente paternalistas, mas sim na mobilização de todos os setores. É imperioso que se multipliquem as ações sociais. Todavia, isso só se tornará realidade quando, dentro de nós mesmos, o individualismo for substituído pelo amor sincero ao próximo. Somente a solidez dessa conduta capacita os indivíduos a resistir aos apelos fáceis e as tentações deste mundo até aqui extremamente consumista. E essa mesma firmeza é que cria o respeito e o entendimento entre os indivíduos, sendo que o compromisso com o bem comum vai se traduzindo no esforço constante de se promover o ser humano, ainda mais depois que a triste e complexa situação atual for superada.

Por outro lado, vivemos num país com sérios problemas e que passivamente acompanha o aumento da concentração de renda em plena crise econômica



João Carlos José Martinelli

Advogado, Jornalista,
Escritor e Professor
Jundiaí - SP

e até mesmo com o corona vírus, o que nos deixa diante de um grande desafio, alcançarmos um crescimento econômico desenvolvimentista, justo, voltados à população, com políticas consistentes e efetivamente canalizados à preservação da qualidade de vida, emprego e renda.

VAMOS CRIAR UM NOVO MUNDO PÓS-PANDEMIA, mais humano, sensível, buscando sentido na partilha e não no consumo de bens supérfluos que só nos materializam e trazem sérias consequências morais e existenciais. Faz-se necessário nesses outros tempos traçarmos um novo horizonte para o amanhã, com a asseveração de princípios básicos como a solidariedade, a fraternidade, a convivência harmoniosa e equitativa distribuição de renda, para recuperarmos inclusive, os inúmeros prejuízos que estão advindo desse período pelo qual passamos e que logo, com fé, esperança e determinação, sobrepujaremos.

Do amorfismo à dessacralização e esquecimento

Perceber a salvação, expiação, iluminação e libertação com definições determinadas por artigos definidos e personificações, quanto a imagem da divindade à qual dirige-se um pedido, agradecimento ou oferta define o período, o local e a espiritualidade e religiosidade (dogmas?) com seus graus de desenvolvimento. A sociedade atual tendo por base uma concepção historiográfica pautada no patriarcalismo disserta teorias sócio-político-econômica-culturais, assentando o homem, a figura masculina como provedor, alicerce. A mulher no caso seria “apenas” a responsável pela continuação da espécie, parir, cuidar, alimentar, educar etc.

Dentro da conjectura patriarcal atual isso é simples, obrigação da mulher, e até algumas décadas atrás no ocidente, passível de ofensa pública caso a figura feminina não cumprisse com seus afazeres sociais. No oriente, em grande parte isso ainda ocorre, desafiar a “tradição”, nesse caso teocraticamente, pode levar à morte, interessante...! O oriente é considerado o berço da sociedade, ou seja, ao compararmos nossa sociedade judaico cristã ocidental à sociedades que antecederam a nossa vemos uma evolução na questão social, correto? Sim e não, sim porque no aspecto já citado a mulher “goza de direitos”, exceto equanimidade, mas negativo no sentido que a espiritualidade que por meio da mulher nos é destinado é esquecido por ambos.



**José Felício Ribeiro
De Cezare**

Professor e Escritor
Jundiaí - SP

Nas religiões mais conhecidas, temos figuras sempre masculinas como exemplos a serem seguidos, não está em discussão a figura de pessoas santas, mas sim daquelas que de certa forma fundaram novos rumos para o pensamento humano ou são o foco divino, considerado muitas vezes inalcançáveis fisicamente na busca por benefícios próprios e a outrem, *Jeová, Elohim, Deus Pai, Jesus Cristo, Zeus, Moisés, Zoroastro, Maomé, Krishna* (apesar da grafia levar a crer ser uma figura feminina, essa divindade é um avatar do Deus *Vishnu*), porém possui *Brahma* quem cria e concebe e *Sidharta Gautama*.

Aprofundemo-nos, na mitologia grega em seu princípio tudo se originava e se dirigia à Mãe Terra, *Gaia*, pois ela assim existia e concebia os Titãs, o Ponto (mar), Zeus, somente ela poderia dar a vida, o sopro, ela dá a luz ao corpo, ao céu, às profundezas da terra, o inferno, e tudo que permanece e impermanece nesse espaço, nesse campo. *Gaia*, tudo trouxe a existir, e a tudo pode engolir, o Olimpo, os ciclopes, os deu-

ses, as deusas, os humanos, os soldados, as ninfas, as górgonas, o vento e os animais, se dela tudo veio e ela ainda existe, é fácil provar, olhe para os lados...! Por que dirigir maior importância a Zeus, que nada fez a não ser existir a partir da mãe criadora? Aqui podemos estabelecer que a mãe (*Gaia*) assim como muitas mães terrenas nega a sua vontade ante a dos filhos, é misericordiosa, tudo dá a eles, a vida a eles e por eles, e nada espera em troca a não ser amor, carinho, sem cobrar a reciprocidade, apenas sendo humilde. Bom, o seu deus também é definido assim? Por que então esquecer-se de quem é tão importante e direcionar a principalidade a outro?

No cristianismo tem-se Deus o Pai, figura masculina, vista por alguns, que o definiram como homem excelso, mas homem, seu filho Jesus Cristo e o Espírito Santo, a Santa Trindade. Temos aí três figuras masculinas, cadê a mulher? Quando uma criança se assusta ela procura abrigo na mãe, na sociedade atual é quase impossível não achar famílias nas quais a mãe é figura provedora, cuidadora e mantenedora, vezes pela falta física do pai e/ou negligência do “pai”. Mas perguntar pela mulher, por quê? Se existe Deus o Pai, onde está Deusa Mãe? Lembrando que *Elohim* é uma palavra que apresenta o plural de *Eloha*, substantivo feminino.

Definir uma sociedade apenas no âmbito masculino é um erro, no cristianismo há o respeito na ala protestante pela mãe terrena de Jesus e certo deleite pela ala católica em sua figura, já é um começo, mas e a mãe divina? O medo por certos homens ao estabelecerem determinados ritos, negligenciam a figura

feminina, já que a mulher detém o poder criador? Na Idade Média, o cristianismo operado por homens terrenos mandava queimar mulheres por poderes que elas teriam ao curar seus filhos ou quaisquer outras pessoas, isso seria permitido apenas aos clérigos... já que era pra queimar por possuir poderes de cura ou obscuros, queimassem todas pois dar a vida é um poder grandioso.

Dentre os apóstolos só homens... os apócrifos (livros considerados obscuros, gnósticos e que traziam imagens destoantes do “ideal” cristão de ser, que foram excluídos e negados como verdadeiros nos concílios romanos), trazem um Jesus diferente, mais próximo da humanidade, do princípio feminino, da mulher e solícito à existência de uma Mãe divina, ao tratar as mulheres em sua vida com o respeito que o cristianismo dos séculos posteriores esqueceram. Estamos falando de 2.000 a 3.000 anos atrás. Vamos mais longe.

Assim como as grandes culturas do passado longínquo e os mestres que desde então nos ensinam, cada um ao seu tempo e ao seu modo *Krishna*, Buda, Moisés, Jesus Cristo e tantos outros, contemporâneos ou não, beberemos na mesma fonte, se possível e dentro das limitações, de um conhecimento espiritual mais elevado, que estava no início, não apenas existia, pois para existir algo, deveria não existir antes, mas já estar no âmago, dentro da existência primordial, sem ser definido como uma religião mas sim como o princípio da vida, dos ensinamentos, a origem do que chamamos hoje de religiosidade e espiritualidade.

O poder do Espírito Supremo ou *Brahman*, *Adhiyaga* ou Força Suprema manifesta sua força criadora

como Mãe Divina (conhecida também como *Avaloktshivara* ou *Dalai Lama*, a Grande Mãe para os budistas), apesar das distinções feitas por cada religião (cada qual sua linguagem, entendimento e evolução), o que é plausível, dentro do prisma de tamanha Força, não estamos em uma *Yuga* que nos será permitido vislumbrar vulgarmente tamanha energia sutil, de todos os grandes ensinamentos que se desenvolveram a partir da *Sanaatan Dharma* ou conhecido atualmente como hinduísmo, modo de vida confundido com uma religião politeísta na Índia, foi a que conseguiu transmitir grande parte dessa Força original, a Vibração Criadora, na forma de ensinamentos. Krishna, Buda e Jesus podem ser considerados os grandes mestres dessas escrituras, cada qual ao seu tempo e local, e de acordo com a capacidade humana de percepção, discernimento e espiritualidade.

Todos viveram para a humanidade, desenvolvendo o *buddhi*, o intelecto espiritual; por meio da *diksha*, iniciação espiritual; *Gyana yoga*, percorrer o caminho do discernimento; *Bhakti yoga*, direcionar os sentimentos para cima ao Espírito supremo; *Karma yoga*, a reta ação espiritual; *dhyana*, absorção em meditação profunda e controle do *prana*, Buda sob a árvore *bodhi*, Cristo no *Getsemani*; *dharma*, virtude, honestidade; *Kumbhaka*, retenção da respiração; *Ashtanga yoga*, as oito etapas da iluminação até se tornar *jivan mukta*, liberto em vida; *moksha*, libertação perfeita e final com a união com a Consciência Divina; param *mukta*, uma alma livre, *Brahmishthiti* pelo despertar e controle *brahmacharya*, da *Kundalini* que flui para dentro do corpo *kshetra* em direção ao *Kutastha Chai-*

tanya, a consciência *crística* pela *sushumna*, espinha profunda em *nirbikalpa samadhi*, êxtase incondicionado pela elevação da *kundalini* até *sahasrara*, pela *Kriya yoga* a Lótus de mil raios no topo da cabeça.

Esse parágrafo foi um mero descrever de algumas ações e nomes que podem ajudar a perceber a complexidade de ensinamentos que foram muitas vezes mal interpretados, justificando a gama de denominações religiosas existentes e que infelizmente não entendem os benefícios reais para a humanidade, um exemplo claro e perigoso é o esquecer de quem nos criou, *Brah – má* é o aspecto criador de acordo com a *Sanaatan Dharma*, a religião eterna, em palavras de fácil compreensão, ou seja, seria a Mãe criadora, aspecto feminino, divina da qual não falamos e por culpa de nossa falta de conhecimento confundimos com *maya*, a ilusão manifestação exterior da Força criadora que se mostra como *Prakriti*, a Mãe natureza inteligente, responsável pelo “espetáculo” que percebemos exteriormente como a Natureza imanente, a realidade oculta por trás de todo o universo material, *Paraprakriti*, oposta a Natureza transcendente. Tais confusões podem deturpar quaisquer mentes ao não se perceber a diferença da Força criadora, divina, com a representação de *maya*, *samsara*. Conhecer, buscar a interiorização da mente *pratyahara*, e elevar bons pensamentos pode evitar que façamos imbróglgios como este.

Uma outra má interpretação pode ter sido feita na história de *Ganesha*. *Shiva* que por comparativo na tradição cristã seria o Deus Pai. *Parvathi*, estava indo banhar-se, limpou o suor de seu corpo e criou com ele a figura de um menino, deu-lhe vida, pois é a mãe,

figura feminina e chamou-lhe de filho. *Shiva* foi vistá-la, porém o menino não permitiu que ele entrasse, eles lutaram e *Shiva* decapitou-o. Para acalmar *Parvathi*, *Shiva* enviou suas hordas em busca da cabeça do primeiro ser vivo que acabou por ser um elefante, *Shiva* colocou a cabeça no menino e o trouxe de volta à vida. *Parvathi* simboliza *shakti*, o aspecto forma, enquanto *Shiva*, o aspecto espiritual, o ser então criado por *Parvathi* não seria espiritualmente desenvolvido ou evoluído, e quando *Shiva* tenta entrar, o Eu superior não consegue, pois, o eu não permite, assim *Shiva*, o Eu superior mata a natureza inferior, tornando *Ganesha* filho verdadeiro de *Shiva*, e *Parvathi* por conceber um filho espiritualmente não evoluído ou não desenvolvido é colocada como uma mãe, sem méritos dentro do panteão hindu. Ao ligá-la a *Shiva* ela é colocada como esposa, porém inferior, essas personificações existem apenas para facilitar nossa compreensão, Deus Supremo, significa *Parabrahman* que também em uma das culturas mais antigas do mundo, a indiana, quer dizer sem forma, sendo assim, o princípio e o fim são um, assim como crianças precisamos de desenhos para compreender, exemplos para nos inspirar e palavras para consolar, apenas a elevação consciente e espiritual pode libertar. Aprender e escapar da roda do *samsara* não parece possível apenas por desenhos e palavras.

Sendo sem forma, manifesta-se como destruidor e restaurador, elimina o mal e restaura o bem, a onipotência, Deus pai, *Shiva*. Manifesta-se com preservação, ensina, transmite a oniprovidência, Deus o filho, *Vishnu* e seus *avatares*. A onisciência vem pela cria-

ção, o sopro, *prana*, a vida, *Brahma*, aspecto feminino, mãe, *Elohim*, Espírito Santo. Aspectos da Unidade suprema. Mãe Divina.

Jesus, *Buda*, *Vishnu* e tantas outras divindades não deixaram em nenhum lugar físico a fundação de uma *Eclésia*, deixaram ensinamentos a respeito de como conseguir salvação espiritual, transmutar o mal, conquistar com sua fé, não depender do que eles foram capazes de fazer, e sim do que você é capaz. Então quer dizer que seguir com fé própria pode salvar, todos podem virar deuses, criar universos, mundos, pessoas, sóis? Por que perguntar isso? Eles curaram, mas disseram que sua fé cura, a sua. Isso significa que todas as pessoas possuem poder de curar, abençoar, fazer o bem, e o mal também, um não existe sem o outro, um só é possível com o outro, desapegar-se só é possível a quem tem apego, crescer só é permitido àquele que ainda não cresceu. Curar é possível, voar é? Claro, se pode andar sobre as águas, pode-se voar, bilocar-se, conhecer outros mundos, outros multiversos, outras verdades.

Abra a mente, conscientize-se, desperte! Se não entendeu nada, sem problemas, eu que escrevi ainda estou tentando entender!



Esta é a questão

A vida é pura criação, um movimento de contínua transformação. Do neutro a caminho da evolução. O homem cria e recria a sua história, da caverna até os dias de hoje, presos às leis das polaridades, mesmo aqueles que não prestam muita atenção. Os grandes seres famosos deixaram legados para humanidade, na verdade também não souberam lidar com a sua mente, não conseguiram livrar-se dos vícios do cotidiano, não conseguiram lidar com o seu verdadeiro eu, livrando-os da sua sombra. O homem está sempre um passo atrás do que cria em termos de evolução tecnológica, artística e científica, criadas para facilitar a existência. Vejamos o número enorme de pessoas nesses tempos modernos que procuram por psicólogos. Profissionais estes que, na sua grande maioria, também são pessoas perturbadas.

O que esperar do futuro da raça humana?... Não sei! Pensar no futuro e estabelecer metas no presente. É uma situação muito abstrata.

Não há certo ou errado dentro das várias visões sobre um fato. Têm-se um leque variado de opiniões humanas, onde somos vítimas dos opostos por não sabermos buscar o equilíbrio e a harmonia em nosso cotidiano. Entre o branco e o negro existe o pardo entre a cor preta e branca existe o cinza, entre a morte e a vida existe a transformação. Entre o amor e o ódio está a compaixão.

Liege Esteves

Escritora
Jundiaí / SP



Se fôssemos mais equilibrados não seríamos vítimas de um sistema político tão perverso. O pior da política são os bastidores, onde a visão distorcida dos parlamentares tramam as mais sórdidas agruras para a população, que ainda se ilude com promessas vazias. Democracia ou ditadura, não preenchem os anseios do povo. Facilitam só a vida de quem detém o poder. Buscar o caminho do meio é o ideal de uma nação. O povo, equivocadamente em qualquer país, não luta pelos seus direitos. Há aqueles que são a favor e aqueles que são contra, os alienados.

Os políticos não fazem questão de mudar essa situação. Para que gastar com ensinos profundos? Preferem a “Maria vai com as outras”, em relação aos que entendem. Herdamos, em nossas características do inconsciente coletivo, as nossas reações diárias diante do nosso engano pessoal e coletivo. Equivocamos em delírios da ilusão.

Tudo se repete, manipuladores e manipulados. Análise de um fato ou a abstração confunde a perspectiva da vida. No princípio real da história do homem, que veio para passar pela ponte e não construir nada sobre ela.

Levar consigo só as experiências que enriquece-

ram o eu. O homem nunca está satisfeito, são os opostos agindo dentro de si. De tanto construir a ponte quebrou, os Homos Sapiens tornaram-se escravos de suas mentes. Já não há valores éticos, não se domina as emoções.



ve a guerra com os outros. O interesse político e espiritual está agindo nessa guerra silenciosa. Onde os bastidores da política e dos politikeiros em âmbito mundial tentam desestabilizar as nações. Neste fim de século vejo a maioria

Hoje, quem domina o mundo é a pandemia. Uma guerra silenciosa. Por mais que o homem seja um ser adaptável às circunstâncias, assistimos a metade da população revoltada, precisam fazer a economia andar. Tem gente enriquecendo com a situação, enquanto tantos outros está vendo a suas economias minguar.

Gerando mais conflitos.

No primitivismo, o homem era guiado pelo instinto. Com o passar do tempo, o instinto foi substituído pelo ego. Esses dois padrões ainda brigam dentro de nós.

Nasce a necessidade do poder em cada indivíduo. Entrando na era contemporânea, uma parte da população tem um pouco mais de consciência sobre si, e o que acontece a sua volta. As máscaras caíram, e os políticos ainda insistem.

O modismo, a falta de atitudes, as máquinas e o supérfluo são os legados desta época.

A política é base essencial do ser humano; como o homem faz uma guerra diária consigo mesmo, promo-

ria dos governantes descontrolados, buscando cada vez mais o regime ditatorial. O governo do Brasil está se cercando cada vez mais de militares. Será que o povo em geral está ciente disso? Sofreremos em curto prazo mudanças econômicas, onde a riqueza mudará de mãos.

Tudo que termina tem um novo recomeço, são ciclos de luz e sombra. No momento vivemos o fim de um ciclo mergulhados na sombra. Transformações rápidas não são aceitas pelo homem. Quem sabe em gerações vindouras, na idade de ouro vai haver um novo recomeço? Em minha opinião vai depender muito do próprio homem continuar mergulhado na sombra ou não.

Somos sempre nós que mudamos a nossa trajetória, mas a maioria ainda não sabe disso, presas na insignificância do seu mundinho.

O planeta Urano entrou em Touro para mudar de repente os valores sociais.

Diz o ditado: se não vai pelo amor, vai pela dor.

☉ *amor prevalece*

A vida está no ar
O sonho não há de passar
A inocência jamais esmorece
O passado muito se esquece.

A existência é para além da magia
O projeto se constrói
A candura contagia
O legado jamais se corrói.

A experiência há de sempre contagiar
O desenho gravado há de ficar
A pureza tudo abranda
O antepassado continuamente recomenda.

A vivência eterniza
O traçado simboliza
A singeleza profetiza
O tempo hegemoniza.

**Herminia Aparecida
Balbuena**
Professora e Escritora
Jundiaí - SP



“Datemi un martello”

“Uma Lágrima no Rosto”
“A Carta” traz.

“Serenata da Chuva”
“O Ritmo de Chuva”
“Somente Uma Saudade”.

“Doce Amargura”, resta o
“Beijo Gelado”
“Luz Negra” da pandemia.

“Tristeza de Nós Dois”,
“O Menino das Laranjas”
e “A Mulher Governanta”,
“Acorrentados”
a “O Relógio”
e “Telefone”.

“Ansiedade”

“O Leão Está Solto nas Ruas”?
“Esse Mundo é Meu”?
“Mas que Nada”!
“Meu Broto só Pensa em Estudar”
“É Proibido Fumar”.
Sem “Berimbau”,
“Rancho da Praça XI”

Edu Cerioni

Jornalista e Editor
do site *JundiAqui*
Jundiá - SP



“Juca do Brás”,
“Calhambeque”,
“Rua Augusta” e
“Consolação”, onde
“Parei na Contramão”.

“Obsessão”

“Deixa Isso Pra Lá”,
“Palavras, só Palavras”?
“Me Apeguei Com Meu Santinho”
Dei “Tudo de Mim”
Esqueci “O Divórcio”
“A Perereca da Vizinha”
“Cabeleira do Zezé”
“Exército do Surf”
“Leda”
“La Bamba”
“The Girl From Ipanema”
de “Maria Elena”
da “Bossa Nova Baby”
“Queria”
estar “Lado a Lado”
com “Meu Bem”

“Deixa Pra Mim a Culpa”
“Ai de Mim”
“Se eu Morresse Amanhã”, diante dessa
“Inútil Paisagem”,
feito “Bicho do Mato”...

“Please Please Me”
“Que Queres Tu de Mim”
“Ó, Meu Senhor”

“Igual a Ti Não Há Ninguém”.
“Sabe Deus” que
“Olhando Para o Céu”
“De Joelhos” espero a
“Andorinha” ou a
“Pombinha Branca”, pela
“Paz do Meu Amor”

“Abraza-me”
Na “Capela do Amor”
“Quero Me Casar Contigo”
e ouvir a “Canção da Serra”,
porque outra vez “O Sol Nascerá”
na “América”
e “Vou Morrer de Tanto Rir”

Por hora, “Diz Que Fui Por Aí”
n”O Passo do Elefantinho”

Efeito coronavírus, “Datemi un Martello” é uma brincadeira que fiz com as palavras. Na verdade, com palavras que formam títulos de músicas. Essas 69 canções que cito, ficaram entre as 100 mais tocadas no Brasil no ano de 1964, quando nasci.

Todas as nacionais que estavam nas paradas de sucesso na época foram citadas aqui e foram interpretadas por cantores como Roberto Carlos, Elis Regina, Altamar Dutra, Moacyr Franco, Dalva de Oliveira, Jair Rodrigues, Waldick Soriano e até Hebe Camargo e Dercy Gonçalves, entre tantos outros.

Canções internacionais também tinham grande espaço nas rádios e a número 1 de 1964 é exatamente a do título, ou seja, não poderia ficar de fora – arrebatou corações na voz da italiana Rita Pavone. Não resisti e coloquei também no meio de tanta MPB a versão em inglês de “A Garota de Ipanema”, que era interpretada por Stan Getz e Astrud Gilberto. Já “Please Please Me” aparece para ter algum registro da magia The Beatles, que tinha quatro classificadas no Top 10.

Gostou da brincadeira? O site “Músicas Mais Tocadas” te leva a uma viagem no tempo. Faça como eu, pegue as 100 mais do seu ano e crie em cima... Acesse: <https://maistocadas.mus.br/>.

O poema desencontra-se

O poema desencontra-se
Perde-se de si
Esquece-se, dissipando-se e fenecendo
como a luz dourada
em um céu abandonado de estrelas
Ideias livram-se dos versos
Palavras alheiam-se como indiferentes rostos
Em desconstrução, o poema constrói ruínas



Tatiana D'Angieri

Escritora

Jundiaí - SP

Navegar é sempre preciso...

Quanta inocência!
Quanta eficiência!
Quanta coerência!
Quanta proficiência!

Momentos suaves
Vivências com tenores
Prazeres com amores
Vida que passa com rumores.

Sonhos de um amanhã,
que chega com o Sol,
que irradia muito mais que magia,
muito mais que ciência.

Por isso o Tempo não passou
para os sorrisos
de quem a esperança
jamais deixou.



Herminia Aparecida Balbuena
Professora e Escritora
Jundiaí - SP

Vento que nos conduz

Ninguém vê o vento, apenas sente. Ninguém descobre antecipadamente de onde ele irá soprar, nem com qual intensidade virá. Da mesma forma se diz do “vento do Espírito”. O Espírito Santo sopra onde e como quiser, assim muitos conheceram na letra de uma canção;

“Sopra em mim vento do Espírito
Contigo eu quero ir
Eu não sei de onde vem, nem sei pra onde vai
Só sei que eu quero ir
Vento do Espírito
Sopra em mim
Oh oh
O vento sopra
Só ele sabe para onde vai
Quero estar no vento
Ser conduzido pela tua vontade”

Independentemente de crenças, caminhar ou navegar é preciso. Traçamos metas, objetivos de vida, batalhamos para realizar sonhos, desejos. Planejar faz parte da vida cotidiana. Mas esse vento, que pode ser visto para uns como do Espírito Santo, para outros como forças diversas da natureza, é ele que tudo conduz. Onipresente, muitas vezes não o percebemos por sua sutileza. Ora como brisa, ora como “senhor ventania”. E a rosa dos ventos se torna apenas uma base para não nos perdermos nesse imenso labirinto

terreno. Ela não é nossa guia. Porque até as aves migratórias sabem para onde precisam ir... porém fazem caminhos alternativos se necessário for. Se não puderem pousar no continente, pousam numa ilha. Se não for numa planície, será na montanha. Porque acima de nós visíveis, está o comandante invisível. Além do vento. Além do som, além da luz.

O ciclo da vida é composto por mistérios indecifráveis. Nascermos num local. Podemos ali querer ficar. E sermos levados a mudar. Ou quereremos mudar e ali ficarmos. Idealizamos um rosto ao nosso lado. E dá certo com um rosto que sequer imaginávamos. Hoje estamos aqui. Amanhã podemos estar a milhares de quilômetros. Porque alguém nos convidou e fomos. Alguém nos levou. Um sorteio proporcionou uma viagem inesperada. Um novo emprego. Um lugar que vimos por foto ou vídeo e mexeu com nosso íntimo... “é para lá que vou... sequer imaginava que tal lugar existisse”.

O amanhã é sempre incerto. E as coisas acontecem com ou sem nossos impulsos. Queremos e fazemos. Uma vez deu certo. Outra não. Por quê? Estamos sendo conduzidos pela senhora do destino? Qual a relação dela com o senhor ventania? Com o vento do Espírito?

Alguém falou que cada um vem com uma missão predestinada. Cada um descobre qual é a missão no decorrer da vida. Uns mais cedo, outros mais tarde. Depende por onde caminhamos? Sendo conduzidos pelo vento? Nadando a favor ou contra a correnteza? Brigando com o vento?

Nunca teremos todas as respostas, porque o caminhar é um contínuo estudo. Somos eternos alunos. Mesmo quando partirmos do plano físico, continuaremos tendo mais aulas. Novas etapas. Que serão mais fáceis de compreender e superar se aqui conseguirmos captar as mensagens do invisível. Conseguirmos entender os caminhos ora coincidentes, ora divergentes do senhor vento e da rosa dos ventos. Finalmente, deixarmos o medo e nos entregarmos aos braços e abraços do vento, da terra, do mar, da luz... não precisa ser no estilo boêmio do “deixa a vida me levar, vida leva eu...” E nem no “romance astral” de Raul. Apenas a fusão. De que somos parte de um todo. Peças que se encaixam paulatinamente num contínuo processo evolutivo, entre altos e baixos, frio e calor, prazer e amargor. O comando de nossas vidas não é unilateral, somente nosso. É um duplo comando. Justamente por sermos alunos!

Destino... real ou imaginário, não importa. É o vento que nos conduz e cabe a nós mantermos o controle da navegação... o duplo comando. Ele sabe das coisas que não sabemos. E sabe de nós e de nossa rosa dos ventos. “Já lhe conhecia antes de você chegar aqui”.

George André Savy
Palestrante e Escritor
Jundiaí - SP



A história de Josino

PRÓLOGO

Todos nós temos especial carinho por algum antepassado, avô, avó e mesmo bisavós. Nem sempre temos a felicidade de ter com eles convivido, mas o relato dos pais ou algum tio ou tia permite que tenhamos uma ideia do que foram, de suas particulares personalidades, enfim, de como teria sido a trajetória de suas vidas.

Pois bem, eu não conheci meus bisavôs, mas muito ouvi falar de Josino em noites sem fim quando acompanhada de meu marido Aristides ao lado de minha avó Isaura, já então nonagenária, falava com orgulho do Tenente Coronel Josino Antônio de Barros, seu sogro e meu bisavô materno.

Foi assim que ficamos sabendo eu e Aristides, também muito interessado na genealogia da família, da personalidade marcante e da trajetória fascinante do biso Josino, tanto do ponto de vista humano e familiar, quanto do social e político com uma profícua atuação no cenário do Brasil imperial e na Primeira República brasileira.

Ele foi um cidadão mineiro que vivenciou o crescimento fluminense, tendo efetiva participação no desenvolvimento das cidades de Santo Antônio de Pádua e Miracema na região noroeste do Estado do Rio de Janeiro.

Após esses “papos” com minha avó e também com minha mãe Jovita, aumentamos nosso conhecimento sobre a vida de Josino Antonio de Barros pes-

quisando a árvore genealógica da família e deparando com este cidadão meu bisavô, trisavô de nossos filhos Alexandre e Ari e tetravô da neta Manuela, todos descendentes dos Monteiro de Barros. As pesquisas conduziram a visitas em fazendas, igrejas, cartórios e entrevistas com familiares de nosso antepassado.

DADOS BIOGRÁFICOS

Até o ano de 2007, não se sabia a data do nascimento de Josino e isto obtivemos nos Arquivos da Cúria Metropolitana de Juiz de Fora - MG (Mitra Arquidiocesana) examinando o inventário de seu pai Antônio Bernardino de Barros, que segundo o livro “Família Monteiro de Barros”, de Frederico de Barros Monteiro, 1951, disponível na Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, foi casado em primeiras núpcias com Inês de Castro, tendo os filhos José Bernardino de Barros, o Barão de Três Ilhas, Gabriel Antônio de Barros, o Barão de São José del Rei, Custódio Bernardino de Barros e Plácido Antônio de Barros.

No Palácio Episcopal de Campanha - MG, encontramos as certidões do segundo casamento de Antônio Bernardino de Barros, a 14 de junho de 1813 com Fausta Emerenciana Moura; e de seu terceiro consórcio com a sobrinha de 16 anos, Esméria Cândida de Barros.

Examinando o inventário de Antônio Bernardino de Barros, observa-se à fl. 205, que ao falecer com a idade de 57 anos, a 28 de novembro de 1842, na Fazenda Três Ilhas, São José do Rio Preto - MG ele dei-

xou, de uma quarta união com Silvana Charolina de Jesus, por volta de 1838/1839, três filhos menores: Anna de Barros, nascida em 1839; Bernardina Constança de Barros, de 30 de setembro de 1841 e Josino Antônio de Barros, o caçula, nascido a 05 de novembro de 1842 e batizado em 07 de novembro desse mesmo ano. Percebe-se, pois que Josino perdeu o pai com apenas 23 dias de vida, e conforme desejo expresso no testamento de seu pai passou a ter como tutores seus meio-irmãos, os Barões de Três Ilhas e de São José del Rei. Estes procurando dar uma educação adequada ao jovem meio-irmão, o matricularam no famoso Colégio do Caraça - MG, pertencente a uma Ordem Religiosa e modelo de ensino e formação humanística no período imperial.

À procura de informações, estivemos em visita a esse tradicional estabelecimento, mas infelizmente nada encontramos, pois um incêndio havia destruído praticamente todo o acervo. Nessas condições, enviamos os dados de que dispunhamos, inclusive uma fotografia, para resgatar a história de Josino no colégio onde foi aluno do reconhecido educador da época imperial Dom Silvério Gomes Pimenta.

O desenvolvimento da cultura do café na região norte fluminense, em meados do século XIX, atraiu inúmeros fazendeiros e dentre eles, três filhos do primeiro matrimônio de Antônio Bernardino de Barros, o pai de Josino. Estes migraram para Santo Antônio de Pádua assumindo uma sesmaria herdada de seu progenitor, e que deu origem a três fazendas: a de Custódio Bernardino de Barros (Fazenda São Luiz), a de Plácido Antônio de Barros (Fazenda Paraíso) e a de Francisco Bernardino de Barros (Fazenda Santa Inês).

Josino nessa época, finalmente educado, resolveu visitar seus meio-irmãos e conheceu a família do Coronel Joaquim de Araújo Padilha, vindo a casar-se com sua filha Amélia de Alvim Padilha, nascida a 29 de julho de 1847. Radicando-se em Miracema, lá desenvolveu sua carreira de agricultor e político. Enviuvando a 30 de dezembro de 1888, mais adiante em segundas núpcias casou com Bernardina Teixeira de Barros. Era figura austera, ostentando sempre um chapéu à cabeça e mantinha desde jovem espessa barba.

Faleceu a 21 de maio de 1909, ostentando a patente de Tenente Coronel, outorgada pela extinta Guarda Nacional. Um trabalho de 1972 apresenta o depoimento de um dos seus genros relatando os últimos momentos da vida desse prócer político: “Atacado por insidiosa úlcera estomacal, incurável à época, regressou à fazenda onde, após algum tempo de grande sofrimento, no dia de sua morte, antes de entrar em coma, conseguiu barbear-se, vestir-se, e muito pálido, quase a desfalecer, em estado de semi inconsciência, deitar-se até que expirasse definitivamente”.

JOSINO CIDADÃO E POLÍTICO

Na cidade de Miracema, naquele período ainda pertencente ao município de Santo Antônio de Pádua, dedicou-se à agricultura em um tempo, no qual, a economia estava assentada no trabalho escravo. Contudo, Josino tinha ideias e ideais totalmente opostos, sendo um abolicionista convicto. Ao adquirir uma fazenda próxima à cidade de Miracema, que até o presente está de posse de seus descendentes, deu-lhe o nome de Fazenda da Liberdade e ali, mesmo antes das leis da abolição da escravidão, alforriou inúmeros

deles, mantendo-os como trabalhadores assalariados, além de propiciar o ensino básico aos negros jovens.

No *Almanak Laemert* aparece citado, entre 1869 a 1881, como fazendeiro de café e participou do assentamento na terra das primeiras famílias de imigrantes italianos, o que proporcionou sensível aumento da produção nas lavouras chegando anualmente a 10.000 arrobas de café, cerca de 1.500.000 kg/ano.

Com ampla visão de futuro importou carneiros da raça merino, plantou árvores paisagísticas, formou jardins com cedros, bandarras, pinheiros e casuarinas australianas.

Nos pomares destacavam-se laranjeiras, mangueiras, ameixeiras e outras árvores frutíferas, enquanto nos pastos, para o sombreamento e refúgio dos animais plantou sapucaias, cotieiras, ipês e outras espécies botânicas que até o presente continuam a florescer nos terrenos da fazenda.

Ainda bastante jovem, enveredou pelos caminhos da política, abraçando as causas abolicionista e republicana. Ele arregimentou correligionários e fundou diversos clubes (como o Clube Republicano de Santo Antônio de Pádua) para difundir os conceitos do idealismo republicano até que fosse ele próprio signatário da “Ata de Proclamação da República” e primeiro Presidente da Câmara Municipal de Santo Antônio de Pádua, função que exerceu entre 1897 e 1900.

Participou ativamente da luta para emancipação da antiga Freguesia de Santo Antônio de Pádua, até a edição do Decreto nº 2.597 de 02 de janeiro de 1882, assinando o Auto de Instalação do Município em 26 de fevereiro de 1883.

Foi Deputado Estadual e membro da Assembleia Estadual, por três legislaturas e Deputado Federal e membro do Congresso Nacional o que o obrigava mensalmente a viajar a cidade do Rio de Janeiro, então Capital Federal percorrendo péssimas estradas, a cavalo ou diligência, em duros percursos que duravam quatro a cinco dias.

Em Santo Antônio de Pádua, 1890, ocupou diversos cargos de relevância: Presidente da Comissão de Obras Públicas e Presidente do Conselho de Intendência. Dotou a cidade de serviços de água potável, fazendo uma captação em fonte distante 5 km da cidade, aproveitando a gravidade e um desnível de 40 m, uma obra de saneamento avançada para a época. Em 26 de fevereiro de 1900, ao inaugurar o sistema havia duas caixas distribuidoras e cinco chafarizes na cidade. Esses mesmos benefícios levou também à cidade de Miracema, então um distrito de Santo Antônio de Pádua.

Quando exercia o cargo de subdelegado de Polícia de Miracema declinou da indicação para ser 4º Juiz de Paz. A destacada atuação cívica de Josino fica evidente também, a 18 de outubro de 1888, quando comandou os “Serviços de Emergência” durante o verdadeiro tornado acompanhado de chuva de granizo, que assolou a cidade por trinta minutos, causando enchentes, morte de pessoas e animais deixando feridos e inúmeros desabrigados. Josino agiu rapidamente, assim como havia feito durante as epidemias de cólera e febre amarela, redigindo manuais de procedimento à população e publicando “Recomendações Profiláticas”, absoluta novidade naqueles tempos.

Josino como se percebe, além de agricultor e político era também um homem de letras e dedicado à

medicina. Com os conhecimentos adquiridos na escola e no exame do “Guia Médico Chernovitz”, de autoria desse polonês naturalizado brasileiro, um clássico da medicina prática de então, realizava curativos de emergência e atendia pessoas doentes, principalmente carentes. Difundia hábitos de higiene e educação sanitária publicando textos sobre medicina preventiva.

Empreendedor visionário, com seu sogro Joaquim de Araújo Padilha, liderou um grupo de pioneiros, construindo e fundando a Estrada de Ferro Santo Antônio de Pádua, a São Fidélis (Estação do Luca) e Miracema, com 120 km de extensão, inaugurada em 10 de agosto de 1884. Esta via férrea seria encampada pela Leopoldina Railway, sendo de fundamental importância para a economia da região. Imagine-se que antes desse empreendimento, o café e arroz produzidos eram transportados em lombo de burro até a cidade de São Fidélis e daí embarcados até Macaé e por barcos a vapor chegando ao Rio de Janeiro, provocando perdas e o encarecimento desses produtos agrícolas.

Toda essa profícua atividade, dinamismo e atuação política, no período imperial e nas lutas abolicionistas e republicanas, fizeram com que o Tenente Coronel Josino Antônio de Barros fosse reconhecido e homenageado dando nome às ruas nas zonas central de Miracema - RJ (Rua Coronel Josino), e Santo Antonio de Pádua - RJ (Rua Coronel Josino Antônio de Barros). Perpetuando a memória de meu bisavô, há também a escola da rede pública de ensino “Tenente Coronel Josino Antônio de Barros”.

Desde um ponto de vista histórico, é importante ressaltar que Josino Antonio de Barros, descendente

da família Monteiro de Barros, de certo modo está também ligado à história do estado e cidade de São Paulo. O Visconde de Congonhas do Campo, Lucas Antônio Monteiro de Barros, seu tio, foi o primeiro Presidente da Província de São Paulo, entre 1º de abril de 1.824 a 05 de abril de 1827, efetuando entre outras obras de realce; a fundação da Biblioteca Pública, o Seminário da Glória para meninas carentes, a reforma do Jardim da Luz e a implantação da Estrada de Santos a Cubatão. Reconhecido como grande administrador, recebeu homenagem a 12 de abril de 1936, quando teve seu nome atribuído ao recém-inaugurado Aeroporto de Congonhas.

Essa é pois a história de meu bisavô Josino, pai do vovô Israel, que resgatamos em toda a sua fascinante trajetória, desde a sua orfandade antes de um mês de idade, passando pela vida de estudante interno no Colégio Caraça, a constituição de uma família, as realizações e a projeção política no efervescente período da abolição da escravidão e da proclamação da república.



Aristides Almeida Rocha
Ivane Padilha de Soeiro Rocha
 Professores e Escritores
 São Paulo - SP

Lançada ao mar

Sou a garrafa a atravessar o mar
Sou a mensagem que tem de chegar
Nem o balanço das ondas sobre os abismos do mar poderão me tragar
Nem o bater nas rochas a me machucar poderá desviar meu olhar.

O farol está longe e a esperança reflete o bronze
Não havia outro meio, foi preciso arriscar
Era o frio no rosto, o barulho espumoso, mais nada se via no mar
O ranger do ferro a balançar e o espírito a sair do corpo num soluçar.

A viagem era longa, sem rumo, só sabia que ali não podia ficar
Em algum lugar precisava atracar, a areia iria segurar
Uma mão seria estendida para agarrar a única novidade
Que como num conto de fadas poderia um gênio despertar.

Viajou e viajou numa fantasia que queria que fosse real
Dormiu e despertou, mas tudo continuava igual
Lutou, caiu, mas levantou, por vezes quase se prostrou
Demorou... como demorou
Quase se afogou e por dentro quase tudo desmanchou.

Apesar de tudo ilesa chegou
O sol a iluminou e o que tinha por dentro sarou
A mensagem secou e quem a esperava a resgatou.
Do outro lado do mar tudo passou
As lágrimas do rosto o vento levou
E o coração pelo desejo realizado se enfeitou.



Sandra Regina Librelon
Advogada e Professora
Jundiaí - SP

Deus salve a Rainha

Peter Charles Authenbourg, o inglês natural da cidade de Manchester, era um dos passageiros do transatlântico “OPUS IV”, em sua viagem inaugural. O homem era um figuraço. Todos que com ele interagiam ficavam, imediatamente, seus amigos, mesmo que o súdito de sua majestade Elisabeth II, não falasse nada ou quase nada de português. Porém, a sua educação e esforço para conversar com os brasileiros, angariaram para ele boa acolhida nas mesas onde tomava café, almoçava ou jantava.

Quem estava querendo melhorar os poucos conhecimentos que tinham do idioma inglês puxavam conversa com ele, que, prazerosamente escutava o inglês capenga dos interlocutores brasileiros. Na contramão, nós ouvíamos e tentávamos entender a mistura anglo-portuguesa com que o Peter arriscava se comunicar.

Esses episódios ocorreram durante o trecho Santos / Salvador que o transatlântico “OPUS IV” fazia em sua primeira viagem entre o Brasil e a Europa. Depois da escala em Salvador, o navio seguiria com outras paradas até o final da viagem em Gênova, na Itália.

A chegada à capital baiana deu-se às 18h e a saída para Tenerife, marcada no dia seguinte às 10h, com o aviso de “todos a bordo” às 9h30. Já com o navio ancorado, Peter depois do jantar, saiu com um grupo de amigos para dar umas “bandas” em terras soteropolitanas, aproveitando a permanência do barco naquela noite na Bahia. Como sabemos, o português de Peter era um terror, daí fazer questão da com-

panhia de amigos brasileiros nesta saída noturna pela capital baiana. Conversa vai, botecos vêm, e o grupo foi gradativamente se desfazendo. E, lá pelas tantas, apenas três ficaram juntos, isso mais ou menos às 23 horas. Nesse instante, um dos componentes que restara, ficou assustado: Peter havia sumido!

Procura ali, procura acolá, encontram dois companheiros do grupo inicial, que perguntaram quase simultaneamente:

– Cadê o Peter?

Nenhum dos agora cinco restantes do grupo teria percebido o momento em que Peter se descolara da turma. Bateu aquele medo de que o inglês tivesse sido assaltado ou coisa pior. Deram mais algumas voltas e nada. Foram até o distrito policial do Pelourinho e perguntaram sobre o registro de qualquer ocorrência envolvendo alguma pessoa com as características do Peter. Negativa foi a resposta dos policiais. Continuaram a peregrinação pelos arredores, perguntando às pessoas que encontravam sobre o inglês desaparecido. Nada!

Nessa altura, começam a surgir as hipóteses: o amigo vidrado em teoria da conspiração sugere que Peter pudesse ter sido sequestrado e exigiriam resgate do consulado britânico em Salvador; o outro da turma, mais trágico insinua que podem ter jogado o britânico no mar ou na lagoa do Abaeté! Sendo somente conjecturas, os amigos resolvem voltar para a embarcação. Lá chegando perguntaram no controle de entrada dos

passageiros se havia chegado o Sr. Peter, da cabine 11102. Nova resposta negativa. Preocupados, porém, bastante cansados, os companheiros do passeio com Peter foram dormir.

No dia seguinte, acordaram cedo e, de imediato, fizeram uma “varredura” no navio, começando pela cabine do inglês chegando até o último andar do “OPUS IV”, e... nada. E estava chegando a hora da partida do cruzeiro: 9h... 9h15... 9h20 e o alto-falante do navio anuncia: “Senhor Peter Charles Authenbourg comparecer ao 5º andar para confirmar embarque”. Lembremos que o horário do “todos a bordo” era 9h30. Os amigos preocupados, vão para a amurada

do navio para dar uma derradeira olhada. Quando os tripulantes do navio começam a retirar as escadas de embarque, eis que chega, correndo pelo cais – vestindo um abadá do Olodum, calção do E. C. Bahia, e os pulsos cheios de fitinhas coloridas do Senhor do Bonfim – ele, Peter, todo sujo de batom e uma sacola, com as suas roupas do passeio da véspera. Correm todos para a porta de embarque ao tempo de ver Peter conseguindo subir no navio. Alegria geral e todos vão abraçá-lo, fazendo a pergunta: “Onde você estava?”. Ainda meio confuso, porém com uma cara de sem vergonha, ele responde com aquele sotaque mequetrefe que conhecemos: “Eu ir ver o que o baiana ter”.



José Garcia Netto

Aposentado BB,
Praia Grande - SP

Barco da vida



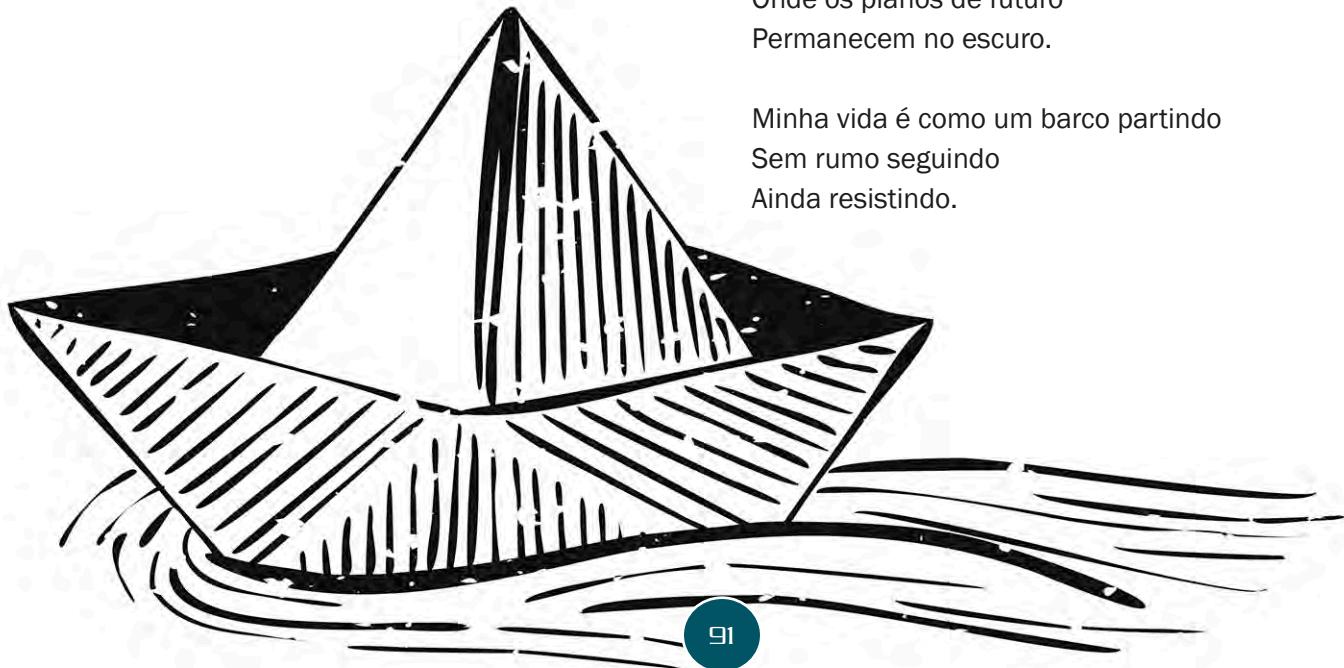
Márcia Oliveira
Professora e Poetisa
Jundiaí - SP

Minha vida é como um barco imprevisível
Onde nem sempre é possível
Definir uma direção
Deixando sem rumo meu coração.

Minha vida é como um barco em tormentas
Navegando em águas turbulentas
Onde reina a incerteza
E momentos de tristeza.

Minha vida é como um barco sem porto seguro
Onde os planos de futuro
Permanecem no escuro.

Minha vida é como um barco partindo
Sem rumo seguindo
Ainda resistindo.





Caroline Maciel

Psicóloga e Consultora em
Gestão de Projetos
Jundiaí - SP

*Em tempos de tantos desgovernos e desumanos,
só a arte, a poesia e a palavra são capazes de dar lugar
à angústia pelo momento... e pelo futuro também.*

Em mim habitam também a fúria e a ira!
Sim! Assim mesmo, de forma direta!
Gostaria de ter a leveza e otimismo dos ingênuos e ignorantes...
daqueles de pouca crítica e de tantas certezas!
Daqueles que rogam em nome de Deus ao mesmo tempo
em que citam ditadores!

Ei de ter a a leveza, o otimismo e fé sem perder a crítica,
o humor e a esperança!
Por quê?
Porque os tempos mudam, as pontes e as jornadas
nos levam a outros caminhos e nada é permanente!
Porque nossas decisões e nossos posicionamentos
deverão ecoar em algum momento da história!
Por que tudo aquilo que não controlamos (e não é pouco!)
deverão também trazer surpresas boas!
Porque é preciso caminhar, se questionar, refletir, ponderar...
Por que é preciso falar... e também é preciso o silêncio,
a paciência e o tempo para revelar as respostas e as verdades...
É preciso amor, um amor preciso...
E assim, talvez reste menos ira e fúria!
E mais paz!

Sobre coisas que aprendi nessa jornada... até aqui...

Alguns desejos são finitos... mesmo!

Uma boa dose de risco, ousadia e permissão tornam essa realidade menos dura...

Há dores que te marcam profundamente... mesmo!

Com o tempo, é possível olhar para essas marcas, acolher e honrar cada uma delas... elas me mudaram como nada mais nessa vida!

Existem limites nas relações com os outros... mesmo!

Alguns laços precisam ser desfeitos e outros refeitos... essa costura exige mais do que imaginava, mas também revela mais beleza do que pensava...

Não conseguimos salvar o outro... mesmo!

Por mais que o ato de doação e amor tenha a intenção legítima de cura, o outro precisa trilhar seus próprios caminhos e confrontar seus abismos... por mais duro que seja, às vezes, é preciso se retirar... mesmo que o medo aflija... quem sabe as escolhas surpreendam?

Vivi e vivo a experiência do mergulho profundo no autoconhecimento... mesmo!

Ele me salvou... da minha história, das chancelas, das repetições e das contingências...

Há papéis e funções nessa vida que precisamos viver, se entregar e depois reescrever... mesmo!

Especialmente os mais íntimos... filha, mãe, profissional, esposa... mulher!

Estou entendendo

e sentindo cada vez

mais o que realmente

importa nessa vida...

mesmo!

Só desse lugar e

depois de atravessar

alguns desertos, a

ordem e peso das coisas mudaram... eu dava tanta

importância a situações que hoje acho irrelevantes...

ah, e isso muda tantas perspectivas!!! Que bom!

Encontrar e buscar pessoas que fazem diferença na sua história é o que te salva de si... mesmo!

Aquele amigo que te provoca com perguntas que

tiram o chão... e te dá o apoio pra seguir em frente...

aquela amiga que te abraça tão forte e chora junto

com você... ela não precisa dizer nada... e às vezes

diz tudo... ela está sempre junto... os amigos são

irmãos de alma e jornada e tornam a vida mais bela...

mesmo!

Ouvir ela dizer ‘mamãe, amo você’ faz a alma se encher de sentido... mesmo!

Ainda há muito o que aprender nessa vida...

Mesmo com suas belas estradas e desertos difíceis, o caminho e a jornada só se revelam quando andamos...



Caroline Maciel

Psicóloga e Consultora
em Gestão de Projetos
Jundiaí - SP



Wilson Maciel
1945-2011 (*In memoriam*)
Poeta, compositor e
apaixonado pelas palavras
Jundiaí - SP

Advogado da Terra

*A Terra que sempre foi
Exemplo de harmonia,
Hoje está machucada,
Vive triste, em agonia.
Os jardins de suas florestas,
Verdejantes coloridas,
Aflitos pedem socorro
E que lhes sanem as feridas.*

*Por todo canto há queimadas
Constante a lhe sufocar
Dá uma dor, uma angústia
Sem ter pra quem reclamar.
A bela onça-pintada
Que sempre foi soberana
Hoje morre humildemente
Nas garras da mão humana.*

*Sufoco dentro do peito
Uma vontade de gritar
Com tantos inconsequentes
No ato de preservar.
E deste meu canto quero
Ser da Terra advogado:
Pra fazer vencer o BEM
E o MAL ser derrotado!
Pra fazer vencer o BEM
E o MAL ser derrotado!*

Compôs *Advogado da Terra* em meados de 1990
mobilizado pela dor que a Terra vivia... E ainda vive!
Suas palavras ainda ecoam 30 anos depois...

Viver a vida!

*Viver a vida em um mar de espanto
Rolar os dias sem desesperar
Saber apenas que existe um canto
Que para tudo para me embalar*

*Passar as horas em lenta agonia
Mas na certeza de que vão passar
Contar o tempo no seu dia a dia
Pois o descanso demora para chegar*

*Navegar é o que me acalma
Viver sem remo jamais
Porque tudo o que grita em minh'alma
É ser feliz mais e mais!*



Bel Lopes

Gestora de Recursos humanos
e Neuropsicopedagoga
Jundiaí - SP

Texto mantido em sua forma original, com o português falado e escrito em Portugal.

Francisco José - Navegar foi preciso...

De Évora (Portugal) até o Brasil

No final do ano passado fui com a minha esposa a Évora (Portugal). Escolhemos o dia do meu aniversário, 5 de dezembro, para passear nesta linda cidade alentejana.

Umhas boas garfadas foram dadas no restaurante “O Garfo”. Não sabíamos da sua existência. Fomos à descoberta e encontrámos este agradável restaurante onde se cozinha com alma alentejana! Almoçámos e gostámos tanto que voltámos para jantar.

Depois disso, tornei-me amigo no Facebook do simpático casal que tão bem nos recebeu e atendeu,

a D. Leontina Marques e o senhor João Francisco Saraiva. E os pratos são divinais! As ementas são a imagem perfeita da comida tradicional alentejana. Ao longo dos seus 45 anos de existência, assinalados este ano, têm apresentado aos clientes iguarias de “chorar por mais”! Posso aqui referir algumas: Sopa de beldroegas com ovo e queijo de cabra, sopa de cação, migas com carne de alguidar, migas à alentejana, poejada de bacalhau, bacalhau gratinado à alentejana com coentros e tantos outros. E nas sobremesas destaca-se o pudim do Convento dos Lóios, a sericaia, o toucinho



Foto do restaurante no Facebook. O restaurante “O Garfo” está situado na Rua de Santa Catarina 13-15 e disponibiliza cozinha tradicional alentejana.

do céu, o pão de rala, as farófias... E as entradas? E os licores alentejanos? Autênticas maravilhas!

E o Brasil já tinha vindo a Portugal, a Évora, em junho de 2017, através do meu amigo escritor e editor brasileiro Márcio Martelli e dos seus amigos que também se tornaram meus.



Márcio Martelli na Praça do Giraldo, em Évora

E andando por Évora logo nos lembramos daquele que há muitos anos ali nasceu – Francisco José (Francisco José Galopim de Carvalho), um dos maiores e melhores cantores românticos portugueses. Foi no dia 16 de agosto de 1924.

Segundo escreve o seu irmão, o Professor Galopim de Carvalho¹, em 1939 Francisco José, entre os muitos participantes, todos recrutados entre a população da cidade de Évora, participou na revista musi-

¹ Nas suas páginas do Facebook, em 16 de dezembro de 2016 e em 29 de setembro de 2019.

cal, em dois atos, “Palhas e Moínhas”, do poeta alentejano, Vasconcelos e Sá. Logo aí, o Chico Carvalho, como era conhecido em Évora, com 15 anos “revelou as suas excepcionais qualidades como intérprete da canção” e “fez-se ouvir em público, nesta revista, sem microfone e pela primeira vez, a voz bem timbrada e melodiosa e a dicção perfeita do que, anos mais tarde, foi o cantor dos olhos castanhos.”

Profissionalizou-se como cantor com 24 anos de idade, quando frequentava o 3º ano do curso de engenharia.



Francisco José - Excerto da foto de capa do disco de vinil “Sucessos de Portugal n.º. 3”, Editado pela Companhia Brasileira de Discos (Coleção de Jorge Trigo).

Depois de alcançar sucesso em Portugal resolveu navegar para o Brasil. Foi preciso, pois o cantor sentia necessidade de desbravar novos caminhos, novas oportunidades. Os brasileiros renderam-se totalmente ao doce canto de Francisco José.

No Rio de Janeiro, mais propriamente em Copacabana, resolveu abrir um restaurante e homenagear a sua terra natal. Assim nasceu a “Adega de Évora”. Ali durante anos se podia saborear a cozinha típica portuguesa², ouvir Francisco José e os mais variados cantores, portugueses, com destaque para Maria da Graça, e brasileiros. Fados, canções e guitarradas ouviam-se naquela casa que constituía um traço de união entre Brasil e Portugal. Viveu muitos anos no Brasil e a sua carreira alcançou enorme popularidade. Foram mais de 40 anos de atividade artística. Durante todo esse tempo fez inúmeros espetáculos, atuações na Televisão, na Rádio, no Cinema, no Teatro de Revista e em tantos outros locais! Francisco José falava e cantava com o coração! Destacou-se sobretudo com as suas canções românticas.

² Ainda hoje há quem faça uma saudosa referência aos seus bolinhos ou pastéis de bacalhau.

Na última entrevista que deu, a um jornal português, depois de ter regressado uns anos antes a Portugal, afirmou: “O mais importante de tudo – que o estudo, a cultura e até que o dinheiro – o mais importante de tudo nesta vida é ser-se boa pessoa.”



Francisco José deixou-nos em 31 de julho de 1988, mas perdura na memória de muitos portugueses e brasileiros e a sua voz, as suas canções continuam a encher os nossos corações! Navegar foi preciso... De Évora (Portugal) até ao Brasil! Senti essa necessidade.

Jorge Trigo

Escritor e Embaixador cultural
da In House em Portugal
Cacém, Lisboa - Portugal



Arte de Marte

Aparentemente as coisas vão melhorar
Ou, se não for assim — então
O que será de mim?

Atmosfera pesada, parece que é sério,
Noticiaram que pode ter havido vida
Em Marte... Arte ainda não se sabe.

Mas se não se faz arte nessa vida
Não se contempla a dádiva divina,
Dívida de vidas divididas — em Marte.

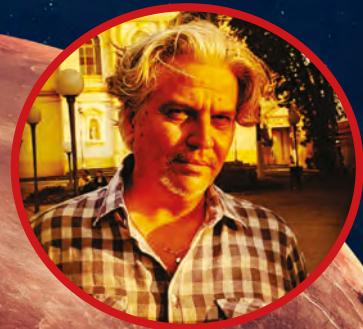
Contudo, Vênus é quem protege os artistas,
E a lista de argumentos inconsistentes
Parece não ter fim — oh, que será de mim?

Na Terra tem gente que diz
Que se pôde viver feliz — sem Arte...
Em Marte, quem ouve torce o nariz.

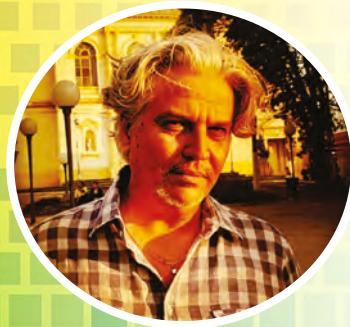
Se é que houve em Marte quem aplaudisse e pedisse bis...

Na Terra tem gente que berra
Que só pode morrer em paz
Quem se dedica à Arte de Marte — o deus da guerra.

Se é que a morte em Marte sela a sorte da Arte que se enterra...



André Argollo
Arquiteto e Professor
Campinas / SP



André Argollo
Arquiteto e Professor
Campinas / SP

Loas ao Brasil

Verso...

Versinho do poeta

Lisboeta.

Lisboa enceta

A lança fugaz que a criança alcança

E arremessa,

Voraz,

No peito, na pança, na salsa que se dança

Quando manda a TV.

No palanque

Atrás do campo mais rico da memória,

No colo, bem juntinho da Glória,

Glorinha

Afável, meiga, inatingível gatinha

Que a África pariu...

Brasil.

Glória do Brasil!

Esquece tudo o que se vê,

Esquece tudo o que se viu,

Falei um dia pra você

Que o amor da Glória nos uniu.

Eu, você, e mais cem mil

Pessoas

Boas,

Loas

Ao Brasil.

Loas ao Brasil!

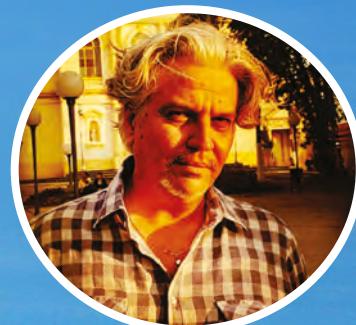
Navegando nas nuvens

Navegando por entre nuvens de informação
Acostumado a não crer em tudo que lhe chega,
E se por acaso cruzar um alienígena,
Um ser de outra dimensão,
Um avatar...
Você ficará nas nuvens sem saber
Se foi abduzido ou não.

Continue navegando
Mas tome cuidado, não há portos 100% seguros...
Não há em que se apegar quando estiver em apuros,
Quando se deparar com situações esdrúxulas, sem controle,
Você cai das nuvens, virtualmente
Se transforma em “anjo caído”...
Desses que não retornam ao paraíso cibernético.

Continue navegando,
Navegar, como já se disse, é preciso...
Viver não é preciso...
Ainda mais se você vivencia uma segunda ou terceira vida
Desempenhando papéis inimagináveis a seres comuns,
Mortais, medíocres, bons cidadãos, talvez...
Seja preciso, e se for para o bem,
Navegue nas nuvens também.

Continue nas nuvens...



André Argollo
Arquiteto e Professor
Campinas / SP

À deriva

À deriva
Meus pensamentos seguem
Em busca da razão
Brusca

Que induz o coração
A sofrer com paixão,
A sentir compaixão,
A bater – batucar – de emoção!

À deriva
Minha imaginação segue
Nesse mar sem fim que é a solidão
Brusca

Em busca de um ser
Que possa vir a ser
A solução que ofusca a razão
Da mais sensata canção.

À deriva
Minha imaginação chega
A uma conclusão que vem do coração
Que bate – batuca – de emoção

Ao sentir que amar nunca é em vão
E que a brusca razão
É fruto da abstração
Dos covardes pensamentos à deriva:

Pura imaginação!



André Argollo

Arquiteto e Professor
Campinas / SP

Entre o céu e o mar

Há qualquer coisa entre o céu e o mar
Que me leva a crer
Que o passado passou mas vai voltar
E que o futuro ficou preso fora de lugar.

Há qualquer coisa entre o céu e o mar
Que me faz compreender
Que ao me perder
Fui capaz de me encontrar.

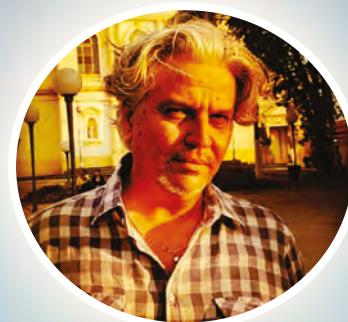
Caminhar sob o céu, devagar, sobre o mar,
Navegar nesse mar em direção ao céu, divagar.

Há qualquer coisa entre o céu e o mar
Que me faz lamentar
Não saber nadar nem poder voar
Para a linha que separa a água do ar.

Há qualquer coisa entre o céu e o mar
Que me faz venerar
E saudar, e presentear para agradecer,
Às divindades que governam o que há entre o céu e o mar.

Caminhar sob o céu, devagar, sobre o mar,
Navegar nesse mar em direção ao céu, divagar.

Há qualquer coisa entre o céu e o mar
Que me faz consagrar, que me faz conceber
Que se pode navegar até chegar aonde o céu encontra o mar
E então constatar que há qualquer coisa que nos faz transcender.



André Argollo
Arquiteto e Professor
Campinas / SP





José Felício Ribeiro De Cezare

Professor e Escritor
Jundiaí / SP



Márcio Martelli

Editor e Escritor
Jundiaí / SP

Sigo o barco

Sigo o barco singrando o oceano das palavras
Sigo o barco sob o céu púrpura da imaginação
Sigo o barco entre os ventos da criatividade
Sigo o barco contornando as pedras da desesperança
Sigo o barco com a balhestilha da perseverança
Sigo o barco impreciso, pois não preciso da precisão
Sigo o barco sob as monções do saber e da emoção
Sigo o barco entre as estrelas literárias
Sigo o barco assim como Teseu
Sigo o barco assim como a vida me ofereceu
Sigo o barco sem armas e artilharia
Sigo o barco avistando as terras da alegria
Sigo o barco içando as velas da poesia
Sigo o barco entre as tempestades das dúvidas
Sigo o barco até o final do arco-íris do incerto
Sigo o barco daquilo que procuro longe, mas está perto

E encontro a terra tão prometida – utopia tão sonhada
E vejo que nada foi em vão, que a batalha valeu a pena
E percebo que sempre foi preciso amor para poder amar
E que a inexatidão faz parte da aventura nesses mares
E que é preciso estar com as velas içadas ao céu
E o horizonte não está assim tão longe e inacessível
E somente é preciso remar com braço forte
E descobrir que os filhos da Terra nunca fugiram da luta
E ter a certeza de que nada desta vida é certo
E que a poesia é o combustível para a paz
E que viver sempre será a melhor e a maior viagem!

